A BÍBLIA

E COMO CHEGOU ATÉ NÓS

9.ª EDIÇÃO



JOHN MEIN

John Mein

A Bíblia
E Como Chegou Até Nós

Digitalizado por Ziquinha



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou total sem a permissão por escrito da parte do editor, a não ser pequenas citações em trabalhos de revisão e pesquisa.

Copyright ©1983 da JUERP.

1ª edição — 1924
2ª edição — 1972
3ª edição — 1977
4ª edição — 1980
5ª edição — 1983
6ª edição — 1986
7ª edição — 1987

220.09 Mein, John
A Bíblia e como chegou até nós. 8ª edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.
125p.
1. Bíblia — Versões — História. 2. Bíblia — Sociedades Bíblicas — História. I. Título.
2. CDD — 220.09

Capa de W. Nazareth

3.000/1990

Número de Código para Pedidos: 21.715
Junta de Educação Religiosa e Publicações da
Convenção Batista Brasileira
Caixa Postal 320
20001 Rio de Janeiro, RJ

Sumário

UMA PALAVRA 5
INTRODUÇÃO 6
A BÍBLIA E COMO CHEGOU ATÉ NÓS 7
AS LÍNGUAS DA BÍBLIA 10
OS NOMES DA BÍBLIA 12
A AUTORIA DA BÍBLIA 16
O PLANO DA BÍBLIA 18
MANUSCRITOS 29
AS TRADUÇÕES DA BÍBLIA 34
A VERSÃO DE ALMEIDA 40
A VERSÃO DE FIGUEIREDO 47
A EDIÇÃO BRASILEIRA 50
COMO A BÍBLIA CHEGOU AO BRASIL 52
A SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL 54
A SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL E SUA EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA 56
A IMPRENSA BÍBLICA BRASILEIRA 59
A TRADUÇÃO REVISADA DA IMPRENSA BÍBLICA BRASILEIRA 62
CRÉDITO PARA O CURSO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ 66
TESTE DO LIVRO 67

UMA PALAVRA

Estes estudos tiveram início no ano de 1918, quando trabalhávamos no Campo Batista Fluminense, e, junto com o Dr. A.B. Christie, enviamos estudos por correspondência aos obreiros. Crendo que nem todos podem nem querem ler as obras mais prolixas sobre a história da Bíblia e que há necessidade destes estudos, a fim de que os que crêem em Cristo possam «responder com mansidão e temor a qualquer que lhes pedir a razão da esperança que há neles», findamos esta pequena obra, que não pretende esgotar o assunto.

Na preparação deste trabalho, muitos livros foram lidos, porém dos seguintes tomamos algumas sugestões e fizemos diversas citações: em inglês: *The Book of Books,* W.G. Evans; *The Scripture of Truth,* Collett; *Knowing the Scríptures,* Pierson; *How We Got Our Bible,* Smyth; em português: *A Bíblia em Portugal,* por G.L. Santos Ferreira.

Os Drs. H.C. Tucker e Alexander Telford, secretários das Sociedades Bíblicas no Rio de Janeiro, auxiliaram-nos. Aquele, pelos relatórios, etc, que nos deu, e este, por franquear os catálogos das escrituras em português que tem.

Impresso em Gráficas Próprias

Peço aos céus que estes estudos sirvam de bênção aos seus leitores, a fim de que compreendam a história gloriosa da transmissão da Palavra de Deus através dos séculos, desde o dia em que Ele escolheu o Israel para que lha confiasse até o dia de hoje.

Maceió — fevereiro de 1924

John Mein

INTRODUÇÃO

Se alguém perguntasse a um crente donde veio a Bíblia, quem a escreveu, e quando e onde foi escrita, talvez não pudesse responder de pronto e satisfatoriamente. Porém a estas perguntas responderiam aqueles que estudassem tais assuntos. Há milhões de pessoas em toda parte do mundo que aceitam a Bíblia como a palavra inspirada de Deus e a usam como o seu guia diário. Os tristes acham nela conforto; os tentados, conselhos; e ela transforma as pessoas que a aceitam como a voz de Deus. 0 mundo desfruta sempre dos atos de amor e sacrifício que ela inspira.

Entre o povo que ama a Bíblia há muitos dos mais nobres deste mundo. Milhares destes prefeririam sofrer qualquer prejuízo a perder a Bíblia. A história do cristianismo está repleta de mártires que foram lançados na prisão pelo amor à Bíblia; não poucos se ocupavam com a tarefa impossível de exterminar a Bíblia. Temos hoje a palavra de Deus pelos sacrifícios que os nossos antepassados fizeram através dos séculos, e muitos estão prontos a padecer pelo amor leal que têm para com o Livro Inspirado, embora, na maioria, não possam responder a todas as perguntas a seu respeito. Escrevo estes estudos para que os leitores saibam que a Bíblia que temos é substancialmente a mesma que o nosso Mestre e os seus apóstolos e os primeiros crentes usaram.

«A Bíblia é em religião o que o telescópio é em astronomia. Ela não contradiz coisa alguma outrora conhecida. Ela conduz a vista para novos mundos, abre mais lindas visões e descobre belos sistemas onde pensávamos que houvesse só cousas vagas ou escuridão.»

1

A BÍBLIA E COMO CHEGOU ATÉ NÓS

Sua Origem

Houve um tempo em que a palavra inspirada de Deus não era ainda escrita. 0 homem falhou à prova da consciência e entrou por uma nova época debaixo da lei. Então começou a necessidade da palavra escrita. Não há evidência de que o homem tivesse a palavra de Deus escrita antes do dia em que Jeová disse a Moisés: «Escreve isto para memorial num livro» (Êx. 17:14). Daquele tempo em diante os homens de Deus «falaram inspirados pelo Espírito Santo».

Davi era «o suave em salmos de Israel» (II Sam. 23:1); Lucas escreveu o Evangelho que tem o seu nome, e o Apocalipse foi escrito pelo apóstolo João, «Revelação de Jesus Cristo... a João seu servo; o qual testificou da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que tem visto» (Apoc. 1:1,2). Entretanto, havia homens santos aos quais Deus falou, como Noé, Abraão e José. Mas não lemos que algum deles fora inspirado para escrever a palavra de Deus.

Às vezes, Deus revelou a sua vontade oralmente, numa maneira direta e pessoal, como a Adão, a Caim, a Noé, a Abraão, a Abimeleque, a Isaque, a Jacó e a muitos outros.

Devemos lembrar-nos de que havia sempre duas testemunhas de Deus, a saber: (1) As *suas obras:* «Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos» (Sal. 19:1); «0 que de Deus se pode conhecer neles está manifesto; porque Deus lho manifestou. Porque coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas» (Rom. 1:19, 20). (2) *A consciência do homem:«* Os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência» (Rom. 2:15). Assim, o homem possuía desde o princípio

um conhecimento de Deus sem as leis escritas. «Escondeu-se Adão... da presença do Senhor Deus» (Gên. 3:18). Porque a sua consciência condenou-o quando ouviu a voz do seu Criador. Depois de matar o seu irmão, Caim foi interrogado por Deus e, acusado pela consciência, replicou: «Não sei; sou eu guardador do meu irmão?» (Gên. 4:9). Entretanto, a consciência não serve como um veículo da revelação divina, porque pode ser cauterizada e fica quase inutilizada. A natureza nos ensina somente que Deus é o Criador. Conseqüentemente, havia necessidade de uma revelação que durasse para sempre. Tal é a palavra escrita, «que permanece para sempre» (I Ped. 1:23).

O estudo metódico da Bíblia ensina que Deus escolheu um povo particular para ser o intermediário da revelação. Abraão, conhecido como pai dos fiéis, foi chamado para deixar a sua terra e parentela e ser condutor do próprio povo de Deus. Para confirmar o seu concerto com o seu servo, Deus disse-lhe: «Não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por pai de muitas nações te hei posto» (Gên. 17:5). Deus escolheu o povo judaico (Deut. 14:2) e o separou para que fizesse dele repositório da sua verdade e por ele entregasse a Bíblia ao mundo; «As palavras de Deus lhe foram confiadas» (Rom. 3:2). Depois que a família de Abraão ficou provada Deus permitiu que o povo fosse ao Egito em escravidão. No auge dos sofrimentos do povo de Deus, Ele preparou maravilhosamente Moisés, «o qual recebeu as palavras de vida para no-las dar» (At. 7:36). E lemos que Moisés «escreveu todas as palavras do Senhor» (Êx. 24:4).

«Deus fez de homens livros» antes de dar a palavra escrita. Adão trouxe a história da criação através de 930 anos e, sem dúvida, contou-a, assim como a sua queda, a Lameque, pai de Noé, de quem foi contemporâneo por 56 anos. Lameque, por sua vez, foi contemporâneo de Sem, filho de Noé, por mais de 90 anos. Pelas palavras: «Noé era varão justo e reto em suas gerações» (Gên. 6:9), podemos saber como Deus, por meio de um só pregador, garantiu a transmissão verbal da sua revelação.

Noé foi contemporâneo de sete gerações antediluvianas e de onze pós-diluvianas, assim vivendo durante 58 anos da vida curta do patriarca

Abraão, e morreu 17 anos antes da saída dele para a terra da promessa. Não nos é difícil compreender como ele ouvisse dos seus antepassados das grandezas e longanimidade de Deus e, por sua vez, as narrase à sua descendência, acrescentando as histórias do dilúvio e a confusão de línguas. Abraão assim veio a saber de tudo e a ter sua fé robustecida.

Podemos imaginar Abraão historiando os fatos ao seu netinho Jacó, que tinha 14 anos quando o «Pai dos fiéis» faleceu. Quão interessantes ao menino seriam as histórias da criação, da trasladação de Enoque, do dilúvio, da confusão das línguas, das suas próprias experiências, como a da saída da sua própria terra, dos concertos, de como Deus lhe mudou o nome e da ocasião de levar Isaque para a terra de Moriá, quando Deus o submeteu à maior prova e ele chegou a conhecê-lo como «Jeová-Jiré» (Gên. 22:14).

Jacó jamais poderia apagar da sua memória estas coisas e durante todos os anos da sua vida meditaria sobre as maravilhas divinas. Em narrar tudo ao seu neto Coate, Jacó poderia acrescentar as suas próprias experiências em Betel e no vau de Jaboque. Coate relatava a história a Anrão, e este, por sua vez, a Moisés, o seu filho, que assim teve todas as informações necessárias para escrever o livro de Gênesis, quando Deus lho ordenou a fazer. Portanto, podemos traçar a história da transmissão verbal da palavra de Deus desde o dia em que Ele falou a Adão (Gên. 1:28) até o tempo em que ordenou a Moisés que a escrevesse num livro (Êx. 17:14). Adão transmitiu-a a Lameque; Lameque a Noé; Noé a Abraão; Abraão a Jacó; Jacó a Coate; Coate a Anrão e Anrão a Moisés. Sete homens trouxeram a revelação desde a criação até que a Bíblia começou a ser escrita. Sete é o número bíblico que significa perfeição. Assim, Deus deu a sua palavra, «porque a profecia não foi antigamente produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram pelo Espírito Santo» (II Ped. 1:21).

2

AS LÍNGUAS DA BÍBLIA

O estudo das diversas línguas é interessante e de muito proveito. As línguas estão sempre se modificando e mudando com o desenvolvimento dos povos e inter relacionando as nações. Será necessário que reconheçamos isto neste estudo. Deus não inspirou a Bíblia na língua portuguesa, embora tenhamos a Bíblia inspirada em vernáculo nosso. Originalmente a Bíblia fora escrita em três línguas, a saber: hebraica, aramaica e grega. Esta era a língua do Novo testamento. Alguns comentadores dizem que provavelmente Abraão deixou de usar a velha língua semítica — A caldaica — a qual era a da sua própria terra (Gên. 12:1-5), quando saiu de Ur, e adotou a língua dos cananeus, em cujo meio foi morar. A sua descendência — os hebreus — mais tarde, durante o cativeiro em Babilônia, deixou de falar a língua hebraica e adotou a caldaico-aramaica, a qual continuou a ser falada até os tempos de Jesus Cristo.

Esta língua cananéia, que Abraão usou, era, provavelmente, a mesma ou alguma forma dela, que foi conhecida mais tarde como hebraica. Parece que a língua hebraica foi chamada «a língua de Canaã» (Is. 19:18). Algumas das tabuinhas de Tel-el-Amarna, descobertas em 1887 no Egito, assim chamadas pelo nome do lugar em que foram achadas, com data de 400 anos mais ou menos depois de Abraão, são escritas em boa língua cananéia ou língua hebraica.

A Língua do Velho Testamento

Com poucas exceções, o Velho Testamento foi escrito na língua hebraica. Esta era a língua do povo de Israel e é chamada «a língua judaica» (II Reis 18:26). Esta língua continuou a ser falada e escrita pelos hebreus até o cativeiro, quando adotaram a aramaica ou siríaca, a qual é

um dialeto da hebraica. Devido a esta mudança de língua, os versados na língua hebraica podem descobrir três períodos em que se divide a história do desenvolvimento dela. Cada período é distinguido pelo seu estilo e idioma.

1) O período em que foi escrito o Pentateuco. É o da língua hebraica falada no tempo de Moisés.

2) O período em que a língua alcançou o ponto do seu maior desenvolvimento em pureza e refinamento. Neste foram escritos os livros de Juízes, Samuel, Reis, Crônicas, Salmos dê Davi, Provérbios e os demais livros de Salomão e as profecias de Isaías, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum e Habacuque.

3) O período em que foram escritos os demais livros de profecias, assim como os de Ester, Esdras e Neemias. Durante esta época, palavras, frases e idiotismos de línguas estrangeiras tinham sido incorporados à hebraica da segunda época, em conseqüência da comunicação dos judeus com as nações vizinhas.

As passagens do Velho Testamento que não são escritas em hebraico são as seguintes: Esdras 4:8 a 6:18 e 7:12-26, Jeremias 10:11 e Daniel 2:4 a 7:28. Estas são escritas no dialeto caldaico. Este fenômeno se explica pela residência de Daniel e Esdras na Babilônia e as suas relações com os governadores desses países.

A Língua do Novo Testamento

Os livros do Novo Testamento foram escritos originalmente na língua grega, conhecida como helênica, porque os gregos eram chamados helenos ou o povo de Helas. Depois da grande conquista de Alexandre Magno, rei da Macedônia, filho de Filipe e de Olímpia, a língua grega, numa forma helênica, espalhou-se em toda parte do Egito e do Oriente, e tornou-se a língua vernácula dos hebreus que residiam nas colônias de Alexandria e outras partes.

3

OS NOMES DA BÍBLIA

A Palavra de Deus é conhecida por diversos nomes, os quais são derivados da Bíblia mesma e de origens externas. Notemos os nomes externos primeiramente.

O nome *Bíblia* foi usado pela primeira vez por Crisóstomo no século IV. É derivado de «Biblos», uma palavra grega que significa livros. Este não é um título inconveniente, embora «O Livro» — porque é um livro só — seja um título mais correto. Lemos «no rolo do Livro» em Salmos 40:7.

O nome *Testamento* não se encontra como um título na Bíblia. E derivado do latim *testamentum.* Na língua grega esta palavra significa *concerto* (Heb. 7:22). A mesma palavra é usada em II Coríntios 3:6, 14 como *Testamento.*

Os nomes internos são:

1. *Técnicos*
2. *A Palavra de Deus* (Heb. 4:12)
3. *A Escritura de Deus* (Êx. 32:16)
4. *As Sagradas Letras* (II Tim. 3:15)
5. *A Lei* (Mat. 12:5)
6. *A Escritura da Verdade* (Dan. 10:21)
7. *As Palavras de Vida* (At. 7:38)

Figurativos

1. *Uma Luz:* «Uma luz para o meu caminho» (Sal. 119:105). A mente e o coração do homem vivem em trevas, portanto, o homem natural não pode conhecer as coisas de Deus,

«porque elas se discernem espiritualmente» (I Cor. 2:14). Eis a necessidade da luz.

2. *Um Espelho:* Em Tiago 1:23, a palavra é comparada a um espelho: «Quem ouve a palavra e não a pratica, é semelhante a um homem que mira no espelho o seu rosto.» Ela nos mostra o que somos.
3. *Uma Pia:* «Purificando-a com a lavagem da água pela palavra» (Ef. 5:26). A figura é da pia em que os sacerdotes se lavam antes de entrar no santuário para servirem a Deus. Neste sentido nos mostra como podemos ser limpos de nosso pecado. «Já estais limpos pela palavra» (João 15:3).
4. *Uma Porção de Alimento:* «As palavras da sua boca prezei mais do que meu alimento» (Jó 23:12). Sabemos que há diversas qualidades de alimentos. A Bíblia trata das qualidades necessárias para os crentes: (1) Leite para as crianças (I Cor. 3:2); (2) Pão para os famintos (Deut. 8:3); (3) Alimento forte para os homens (Heb. 5:12, 14); (4) Mais doces do que o mel (Sal. 19:10).
5. *Ouro Fino:* «Mais desejáveis são do que o ouro fino» (Sal. 19:10).
6. *Fogo:* «Não é a minha palavra como o fogo, diz o Senhor...» (*Jer. 23:29).*
7. *Um martelo:* «... e como um martelo que esmiúça a penha?» (Jer. 23:29).
8. *Uma Espada:* «A espada do espírito, que é a Palavra de Deus» (Ef. 6:17).

Visto que Deus tem associado a *Palavra Viva* — Jesus Cristo (Apoc. 19:13) — com a *Palavra Escrita,* nos será proveitoso fazer algumas comparações:

1) *Ambas têm existência eterna. Cristo:* «É o mesmo ontem, hoje e para sempre» (Heb. 13:8).

A Bíblia: «Pela Palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre» (I Ped. 1:23).

2) *Ambas vieram como os mensageiros de* Deus para abençoar um mundo perdido.

Cristo: «Deus... vo-lo enviou para vos abençoar» (At. 3:26).

A Bíblia: «Bem-aventurados... os que... a observam» (Luc. 11:28).

3) *Ambas são infalíveis.*

Cristo: «Nele não há pecado» (I João 3:5). *A Bíblia:* «Toda a Palavra de Deus é ouro» (Prov. 30:5).

4) *Ambas são fontes de vida.*

Cristo: «Eu sou o pão da vida» (João 6:35). *A Bíblia:* «As palavras... são vida» (João 6:36).

5) *Ambas são luz.*

Cristo: «Eu sou a luz do mundo» (João 8:12). *A Bíblia:* «A lei é uma luz» (Prov. 6:23).

6) *Ambas são verdade.*

Cristo. »Eu sou a verdade» (João 14:6). *A Bíblia:* «A tua palavra é a verdade» (João 17:17).

7) *Ambas são o alimento para a alma.*

Cristo: «Eu sou o pão da vida» (João 6:35).

A Bíblia: «De tudo o que sai da boca do Senhor, disso vive o homem» (Deut. 8:3).

8) *Ambas devem ser aceitas para a salvação*.

Cristo: «Em nenhum outro há salvação» (At.4:12).

A Bíblia: «recebei a palavra... a qual pode salvar as vossas almas» (Tiago 1:21).

9) *A rejeição de qualquer será perigosa.*

Cristo: «Se não crerdes que Eu Sou, morrereis em vossos pecados» (João 8:24).

A Bíblia: «Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos» (Luc. 16:31).

10) *Ambas são desprezadas e rejeitadas pelo homem natural.*

Cristo: «Era desprezado e o mais indigno entre os homens» (Is. 53:3).

A Bíblia: «Sabeis muito bem rejeitar o mandamento de Deus para manter a vossa tradição» (Mar. 7:9).

11) *Ambas julgar-nos-ão, finalmente.*

Cristo: «Tem fixado um dia em que há de julgar o mundo com justiça pelo varão que para isto destinou, do que tem dado certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos» (At. 17:31).

A Bíblia: «A palavra que falei, essa o julgará no último dia» (João 12:48).

0 estudo dos nomes da Bíblia não está esgotado e, para quem nele quiser aprofundar-se, há para isso fontes riquíssimas.

4

A AUTORIA DA BÍBLIA

Em uma biblioteca de umas dezenas de livros, esperaríamos encontrar obras de diversos escritores. A Bíblia é uma verdadeira biblioteca de 66 livros, divididos em duas prateleiras, iguais em valor, não obstante uma contenha 39 livros e a outra 27. Chamamos estas prateleiras de Velho Testamento e Novo Testamento. Nesses 66 livros notamos o trabalho de quarenta pessoas de diversas vocações. Ao escrever, cada escritor manifesta o seu próprio estilo e características. 0 trabalho de todos levou uns 1.600 anos — desde 1500 antes de Jesus Cristo, quando Moisés começou a escrever (Êx. 17:14), entre as trovoadas do Sinai, até 97 A.D., quando o apóstolo João, ele mesmo um filho do trovão (Mar. 3:17), escreveu o seu Evangelho na Ásia Menor. Todos os autores escreveram inspirados pelo Espírito Santo. Entretanto, há na Bíblia um só plano, que de fato mostra que havia um só autor divino, guiando os humanos. Isto garante a unidade de revelação e ensino.

E necessário que fiquemos bem esclarecidos a respeito do autor da Bíblia, porque, se ela é da autoria de Deus, será para todo homem; porém, se é dos homens, devemos procurar outro livro melhor. Vamos então examinar as origens da Palavra de Deus. São duas: *a humana* e a *divina,* ou, por outra, a *natural* e a *sobrenatural.*

1. A Origem Natural

Entre os quarenta homens que foram usados pelo Espírito Santo para escrever as sagradas letras encontramos os nomes de Moisés (Êx. 17:14; 24:3,4,7; Núm. 33:2; Deut. 28:58,60). Jesus Cristo mesmo testificou que dele Moisés escreveu (João 5:46). Temos referência às Crônicas de Samuel, Natã e Gade (I Crôn. 29:29). Em Provérbios 1:1 e 25:1, temos referência ao autor. E sabemos que Daniel escreveu a sua

profecia (Dan. 7:1). No Novo Testamento também alguns livros se referem aos autores; todavia, citaremos somente os de Lucas (Luc. 1:1-8 e At. 1:1).

A vida e o caráter desses homens devem ser estudados para que possamos compreender mais facilmente o teor dos seus escritos. As qualificações de cada autor dão variedade de estilo e matéria, e cada um põe de manifesto a sua própria individualidade no seu escrito.

2. A Origem Sobrenatural

Embora tivesse havido tantos autores humanos, a unidade, simplicidade e singularidade da Bíblia indicam que houve uma só mente atrás de todas, e era a divina. «Toda a Escritura é divinamente inspirada» (II Tim. 3:16). É como a construção dum grande prédio, em que muitos operários estão empregados. Cada um sabe bem o seu ofício, porém todos dependem do plano do arquiteto.

Não será fora da verdade dizer que a Bíblia é humano-divina, quer dizer que contém estes dois elementos. Sendo humana, está sujeita às leis de língua e literatura, e, sendo divina, pode ser compreendida somente por homens espirituais. Os autores humanos fornecem variedades de estilo e matéria. O autor divino garante unidade de revelação e ensino. Os autores humanos se referem à Bíblia em partes. 0 divino refere-se à Bíblia como um só livro.

5

O PLANO DA BÍBLIA

Como em um edifício se salienta o desenho do arquiteto, assim a Bíblia revela ao leitor o propósito divino. Do princípio ao fim há um só plano, e, embora diversos autores humanos tivessem participado da obra, a Bíblia é uma unidade orgânica.

O grande anatomista Cuvier disse que um organismo é governado por três leis: (1) cada uma e todas as partes são essenciais ao todo; (2) cada parte está relacionada e corresponde às demais partes, como no corpo humano uma mão corresponde à outra mão, um olho ao outro, etc; (3) todas as partes do organismo devem ser cheias do espírito de vida.

Segundo esta definição, a Bíblia não deixa de ser um organismo perfeito. Tem um só plano, que mostra que todas as partes pertencem e contribuem para a beleza e perfeição do todo e estão cheias do espírito de vida: «O Espírito é que vivifica... as palavras que vos digo são espírito e vida» (João 6:63). Manifesto é que em tal perfeição não há necessidade nem lugar para acréscimo.

O Velho e o Novo Testamentos

Há pouco tempo um crente emprestou um Novo Testamento a um amigo para ler. Quando foi saber da leitura, o amigo disse: «Quero o princípio deste livro.»

O Novo Testamento está tão entrelaçado com o Velho Testamento e vice-versa que se tornam inseparáveis. Há 1.040 citações de referências ao Velho no Novo. Cada escritor no Novo se refere ao Velho. Todos, menos sete escritores do Velho Testamento, são citados ou deles há referência no Novo. Estes sete são: Obadias, Naum, Esdras, Neemias, Ester, Cânticos e Eclesiastes. Em Mateus há só dois capítulos que não fazem referência ao Velho Testamento. Também faltam referências em

dois de Marcos. Em Lucas existe um, e em João há cinco que não fazem referência ao Velho Testamento. Em todo o Novo Testamento há somente 26 capítulos que não se referem ao Velho Testamento.

A Bíblia começa com Deus: «No princípio criou Deus» (Gên. 1:1) e termina com o homem «Todos vós» (Apoc. 22:21). Assim, Deus está numa extremidade e o homem na outra. Na Bíblia, temos a mensagem de Deus ao homem para que este volte ao seu Criador. No verso central o homem e Deus são mencionados: «É melhor confiar no Senhor, do que confiar no homem» (Sal. 118:8). Este versículo tem em miniatura tudo quanto a Bíblia ensina. Tem o elo da fé que liga o homem a Deus, porque «sem fé é impossível agradar a Deus» (Heb. 11:6). Também tem um aviso contra a raiz de todo o mal, porque «os que estão na carne não podem agradar a Deus» (Rom. 8:8). É a confiança na carne que nos separa de Deus: «Maldito o varão que confia no homem, e põe a carne por seu braço e cujo coração se aparta do Senhor» (Jer. 17:5).

Nota-se na Bíblia o método de Deus para com o homem. De Adão ao Dilúvio temos a história da raça humana debaixo da lei da consciência. Do Dilúvio em diante, através do Velho Testamento, trata-se da história do povo escolhido, destacando personagens como Abraão, Moisés e Davi. 0 homem está debaixo da lei dada no Sinai. A dispensação da Graça começou com Cristo.

No Éden a lei moral foi quebrada pelo primeiro Adão. A descendência dele violou o decálogo, mas o último Adão — Jesus Cristo — triunfou e se tornou o fim da lei, para justiça de todo aquele que crê (Rom. 10:4).

O plano da Bíblia manifesta-se ainda na comparação entre o princípio e o fim. O primeiro escritor — Moisés — escreveu a sua parte 1.600 anos antes de João concluir os seus escritos. No entanto, os autores humanos representam todas as camadas da sociedade, e não tinham relações uns com os outros. Pela seguinte comparação, se vê a perfeição do plano:

No Princípio

Deus criou os céus e a terra.
Satanás entrou para enganar.
O homem afastou-se de Deus.
Pecado, dor, tristeza e morte.
A terra amaldiçoada.
A árvore da vida — homem expulso.
O homem escondido de Deus.
Paraíso perdido.
A terra destruída por água.

No Fim

Novos céus e nova terra. Satanás lançado fora, para não enganar mais. Deus buscando o homem na pessoa de Cristo. Não há mais morte, nem tristeza, nem dor.

Não há mais maldição. A árvore da vida — homem privilegiado. Deus habitando entre os homens. Paraíso recuperado. A terra será destruída por fogo.

Cristo É o Tema

O Velho Testamento teria perdido o seu valor, se Cristo não tivesse chegado, e sem Ele não haveria necessidade do Novo Testamento. A linha escarlata do sangue redentor encontra-se em toda parte das Sagradas Escrituras. Portanto, Jesus tinha razão quando disse: «Examinais as Escrituras, porque são elas que de mim testificam» (João 5:39). Por elas sabemos que «convinha que o Cristo padecesse a morte e entrasse na sua glória» (Luc. 24:26). E, quando o temos como a chave da revelação, arde em nós o nosso coração enquanto o Espírito Santo nos abre as Escrituras. Por meio de tipos, ele é anunciado, e a respeito dele dão testemunho todos os profetas. No Velho Testamento *ele é o Messias,* e o Novo o revela como Salvador. *Ele é a semente prometida* (Gên. 3:15) para esmagar a cabeça da semente da serpente: «Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu

Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei» (Gál. 4:4). *Ele é a semente de Abraão:* «Em tua semente serão benditas todas as nações da terra» foi a promessa dada ao «amigo de Deus», e em Gálatas 3:16 temos o cumprimento: «Ora, as promessas foram feitas a Abraão e a sua posteridade, e a sua posteridade é Cristo.» *Ele é a semente de Davi,* para reinar para sempre: «Sendo, pois, ele — Davi— profeta, e sabendo que Deus lhe havia prometido com juramento que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para assentar sobre o seu trono; prevendo isto, falou da ressurreição de Cristo» (At. 2:30, 31).

Cada oferta e sacrifício no Velho Testamento aponta para Cristo. Em Gênesis temos o sacrifício pelo indivíduo: «Abraão tomou o carneiro, e ofereceu-o em holocausto, em lugar de seu filho» (Gên. 22:13). Cristo é o substituto do pecador. Em Êxodo temos o sacrifício pela família na instituição da Páscoa: «Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo, tu e a tua casa» (Êx. 13:3). Quantas famílias já não têm experimentado esta verdade! Em Levítico 4:13-15 temos o sacrifício pela nação, e Cristo veio primeiramente para redimir a Israel. O sumo sacerdote Caifás deu testemunho neste sentido, dizendo: «Aos judeus convinha que um homem morresse pelo povo» (João 18:14). Em João temos a maior revelação: «Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna» (João 3:16):

Lemos de três arcas nas Sagradas Letras, e cada uma tipifica Cristo: (1) *A arca de Noé,* na qual foi preservada a família eleita. Em Cristo há segurança contra a ira de Deus, pois: «Sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira» (Rom. 5:9). (2) *A arca dos juncos,* em que foi salvo Moisés contra a ira de Faraó: «Agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus» (Rom. 8:1). (3) *A arca do concerto,* que continha a lei: «Por Cristo a lei de Deus está dentro de nosso coração» (Sal. 40:8).

Nas três festas principais da ordem levítica temos verdades preciosas: (1) *A Festa dos Tabernáculos* (Lev. 23:34) tem referência à associação de Deus, o Pai, com o seu povo. Ele habitou no meio de Israel e

por isso ordenou a Moisés que fizesse o Tabernáculo: «Far-me-ão um santuário e habitarei no meio deles» (Êx. 25:8). Foi um antegosto do tempo ainda mais abençoado quando: «Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, e com eles habitará, e eles serão o meu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus» (Apoc. 21:3). (2) O propósito da *Festa da Páscoa* foi a comemoração da redenção de Israel pelo sangue e está associada com Deus, o Filho, que é nossa Páscoa, «o qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue para demonstração da sua justiça» (Rom. 3:26). «Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós» (I Cor. 5:7). (3) *A festa de Pentecoste* é chamada pelos judeus a Festa das Semanas e a Festa das Primícias (Êx. 34:22), porque foi celebrada sete semanas ou cinqüenta dias depois da Páscoa. Não há dúvida de que esta representa Deus, o Espírito Santo (At. 2:1-4).

Mais notável ainda é a ordem pela qual estas festas foram comemoradas. Primeiramente foi a Páscoa, quando tudo devia ser feito de novo. «Este mesmo mês vos será o princípio dos meses. Este vos será o primeiro dos meses do ano» (Êx. 12:2). Foi um novo princípio na vida do povo. Da mesma forma experimenta aquele que aceita Cristo, a nossa Páscoa, porque: «Se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo está feito novo» (II Cor. 5:17). A segunda, em ordem, foi a Festa de Pentecoste, que tipificava a descida do Espírito Santo, que se verificou depois da morte de Cristo. É pelo Espírito Santo que somos renovados (Tito 3:5), mas esta obra espiritual é impossível até aceitarmos Cristo como Salvador. Depois disto «o mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus» (Rom. 8:16). A última festa foi a dos Tabernáculos, quando as primícias eram apresentadas a Deus. Nisto Deus, o Pai, tem a preeminência. «Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem» (I Cor. 15:20). «Assim também todos serão vivificados em Cristo» (I Cor. 15:22), para a glória de Deus. Esta ordem das festas concorda perfeitamente com a obra divina na salvação do pecador, como está apresentada nas três parábolas em Lucas 15. Na figura do pastor, buscando a ovelha perdida, temos Cristo, que disse: «Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas»

(João 10:11). O Espírito Santo, na sua obra de procurar os perdidos, é tipificado na mulher que, com vela acesa, busca a dracma extraviada. O pai amoroso, recebendo o filho pródigo, é um tipo de Deus que não quer que alguém se perca, mas, sim, que todos venham ao arrependimento. Isto é a ordem pela qual o homem chega a Deus. Cristo é o caminho; o Espírito convence o homem de pecado, de justiça e do juízo; o Pai perdoa-o.

O Plano Satânico Descoberto

A Bíblia só trata das coisas concernentes à salvação do homem, e não traça a história dos povos, nem pretende ser um compêndio de ciências. O homem natural acha nela dificuldade, porque deseja ocupar-se com muita coisa irrelevante à revelação.

Uma das perguntas mais comuns é: «Donde veio a mulher de Caim?» A Bíblia não se ocupa com pormenores, quando o seu propósito não tem importância. Nem Caim nem a sua mulher tiveram parte importante no plano de Deus depois da morte de Abel. Deus deu a Eva um outro filho, que tomou o lugar de Abel e que teve por nome Sete. A descendência dele começou a invocar o nome do Senhor (Gên. 4:25, 26). A narração bíblica acompanha a descendência de Sete pela linhagem de Noé, mencionando apenas Sem e Abraão, o «Pai dos Fiéis», em quem todas as nações são benditas (Gál. 3:8). Assim por diante, são mencionadas as pessoas e nações que entraram no plano da salvação da raça humana.

0 plano da salvação começou na eternidade e terminará na eternidade. Jesus Cristo foi crucificado antes da fundação do mundo (I Ped. 1:19, 20). O arquiinimigo da alma humana perdeu o seu primeiro estado diante de Deus por causa do seu orgulho (Is. 14:13, 14) e, desde a sua queda, tem feito guerra contra o plano divino. Sem se compreender este fato, a Bíblia permanecerá um livro desconhecido, embora se faça a sua leitura diariamente. O ensino dispensacional é o meio melhor pelo qual se interpreta a Bíblia. A obra propiciatória de Cristo é revelada por meio de tipos em todas as dispensações e não menos se salientam os esforços maléficos de Satanás para frustrar a obra gloriosa de Deus.

O casal no Éden caiu porque Satanás o enganou; porém,

imediatamente, Deus lhe fez túnica de pele para encobrir a sua vergonha, apontando, assim, para o sacrifício de Cristo e a vestidura da sua justiça, que nos é oferecida mediante a fé. Expulsos do Paraíso, da presença de Deus, os primitivos pais da humanidade receberam a promessa confortadora de um remidor: «E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente: esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar» (Gên. 3:15). «Deus atentou para Abel e para sua oferta» (Gên. 4:4) porque foi de sangue. Logo o inimigo se manifestou em Caim e tentou acabar com o plano divino por matar o verdadeiro adorador — Abel. Morto Abel, outro filho foi dado a Adão, «e chamou o seu nome Sete; porque Deus deu outra semente em lugar de Abel» (Gên. 4:25). A descendência de Sete começou a invocar o nome do Senhor. De novo o maligno ativou-se e conseguiu que a maldade do homem se multiplicasse sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração fosse só má continuamente (Gên. 6:5). Depois do dilúvio, o Senhor fez com que, por Sem, o seu plano continuasse. Entretanto, Satanás tentou que todo o mundo fosse um só povo, com um só nome e de uma só língua (Gên. 11:3, 4, 6).

Salientam-se diversos tipos de Cristo na dispensação da Promessa, por exemplo: Melquisedeque, Abraão, Isaque, Judá, José, etc. Basta-nos o sacrifício de Isaque para saber que Deus proveu um substituto para a humanidade que: «Propôs para propiciação pela fé no seu sangue» (Rom. 3:25). A promessa de que «o cetro não se arredaria de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que viesse Siló, e a ele congregariam os povos» (Gên. 49:10) apontava para Cristo, que procedeu de Judá (Heb. 7:14), e se chama «Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Da grandeza deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar com juízo e com justiça, desde agora para sempre» (Is. 9:6, 7). Através desta dispensação a astúcia satânica é bem patente. Por ela Abraão mentiu, os irmãos de José o venderam e os escolhidos de Deus foram maltratados no Egito.

O grande livramento pela Páscoa é um tipo de nossa liberdade,

mediante a fé no sangue de Jesus, «porque Cristo, nossa páscoa, foi crucificado por nós» (I Cor. 5:7). Libertado da escravidão, o povo de Deus entrou em uma fase de experiência. A peregrinação no deserto foi uma escola preparatória para a futura organização de Israel. O inimigo não se poupou para frustrar o plano de Jeová. As murmurações, as saudades da terra do Egito, o bezerro de ouro, o incenso falso de Nadabe e Abiú, o esforço feito para tirar a Davi a sua vida e o cativeiro babilônico são evidências da astúcia do príncipe deste mundo. Porém neste período encontramos evidências do plano de Deus na Lei, nas Festas, no Tabernáculo, na lição da Serpente de Metal, no Concerto dado a Davi (II Sam. 7:16) pelos profetas, e na misericórdia manifestada na vida de Daniel, Zorobabel, Esdras e Neemias.

Nesta conexão notamos três ocasiões durante o período dos reis, quando Satanás quase venceu o seu propósito, porque restava uma só pessoa na linhagem messiânica. O rei Jeorão exterminou toda a semente real, e por sua vez perdeu o reinado por causa do pecado. O seu filho Acazias foi morto por Jeú «porque disseram: É filho de Jeosafá, que buscou ao Senhor de todo o seu coração. E já não tinha a casa de Acazias ninguém que fosse capaz de reinar» (II Crôn. 22:9). Satanás apoderou-se de Atalia, mãe de Acazias, que destruiu toda a semente real da casa de Judá. A vitória satânica parecia completa. Não havia mais descendente de Davi para assentar no seu trono. Porém Deus providencia sempre. Enquanto Atalia massacrava os seus netos, Jeosabeate, filha do rei Jeorão, tomou a Joás, filho de Acazias, e o escondeu de diante de Atalia, e esteve escondido na casa de Deus seis anos (II Crôn. 21:10,12). Passado algum tempo, o sacerdote Jeoiada apresentou o menino Joás ao povo e disse: «Eis que o filho do rei reinará, como o Senhor falou a respeito dos filhos de Davi» (II Crôn. 23:3).

A linhagem de Davi ficou estabelecida até o tempo do rei Ezequias, quando sofreu mais uma ameaça de ser exterminada. Este rei adoeceu de uma enfermidade mortal, sem ter filho. Com certeza, o inimigo se regozijava em pensar que, finalmente, a vitória estava certa. Porém, o seu sonho teve de evaporar-se. Ezequias arrependeu-se de seu pecado, e a sua

vida fora prolongada por mais quinze anos. Três anos depois de estar restabelecido, gerou o seu filho Manasses, por meio de quem a linhagem do Messias continuou.

Que diremos da história de Ester? O livro que conta as experiências desta rainha heróica não faz menção de Jeová diretamente; porém narra a providência de Deus na preservação do seu povo. Hamã foi um instrumento na mão satânica para exterminar o povo de Israel e assim frustrar o plano divino. Quando parecia que Hamã triunfava, Ester, sob o domínio divino, conseguiu a salvação do seu povo e o fim do perseguidor. Não há a menor dúvida de que nesta ocasião o diabo pensou que ia vencer; porém, não tinha Deus anteriormente determinado o que se havia de fazer?

Depois de quatro séculos de silêncio bíblico, encontramos Satanás promovendo mais uma matança por meio do decreto de Herodes. A sua única esperança estava em destruir a semente da mulher, que veio esmagar a sua cabeça, portanto, planejou pôr fim ao Menino da manjedoura.

Frustrado o seu propósito, ele foi mais uma vez exposto e vencido pelo Filho do Homem no deserto. Nesta luta involuntária dele ficou para sempre revelada a sua derrota. Nunca mais teve coragem para enfrentar Cristo; não obstante, ficou ativo durante todo o ministério. Ele atacava covardemente por detrás, assim como sempre faz com os crentes. Repare-se como ele se utilizou de Pedro quando este tomou Jesus à parte e começou a repreendê-lo. Disse-lhe o Mestre: «Retira-te de diante de mim, Satanás» (Mar. 8:33). Numa noite de paz, o Mestre embarcou num barco com os seus discípulos. Cansado, pela fadiga de muito trabalho, ele dormia, e o inimigo causou «uma tempestade tão grande que o barco era coberto de ondas». Todas as suas ciladas anteriores tinham falhado; portanto, de novo tenta destruir a semente real que veio salvar a humanidade e proclamar na hora da sua morte: «Está consumado.»

Ainda no Getsêmane o adversário perdeu na luta. E, quando o cúmulo do pecado manifestou-se à cruz, a vitória foi de Cristo, porque «provou a morte por todos», «e pela morte aniquilou o que tinha o império da morte, isto é, o diabo» (Heb. 2:9, 14), «tragada foi a morte na vitória» (I Cor. 15:54).

Nesta dispensação da Graça, o príncipe deste mundo, embora com poder limitado, continua ativo. Por duas vezes tentou destruir a novel igreja em Jerusalém. Logo que todos os membros contribuíram liberalmente, ele entrou no coração de Ananias e Safira, para enganarem (At. 5:1-11). Mais tarde, os discípulos, contentes com o progresso do trabalho em Jerusalém, esqueceram-se da ordem do Senhor: «Ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra» (At. 1:8). Satanás, não podendo atrasar a Causa do Mestre por outra forma, está sempre pronto a persuadir que muita atividade na evangelização é desnecessária.

Através dos séculos a luta entre Deus e Satanás tem continuado. 0 plano divino está sendo aperfeiçoado, e o próprio Satanás, que se transfigurou em anjo de luz (II Cor. 11:14), está procurando, com as suas astutas ciladas, interrompê-lo. Louvado seja o nome de Deus que vem o dia quando «o diabo será lançado no lago de fogo e enxofre, e de dia e de noite será atormentado para todo o sempre» (Apoc. 20:10). «Depois virá o fim, quando (Cristo) tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força» (I Cor. 15:24).

As Trindades da Bíblia

A idéia de uma trindade também é proeminente na Bíblia. Sobressaem a Santa Trindade e uma trindade de males.

O homem mesmo é uma trindade. Pois ele não é «espírito e alma e corpo»? (I Tess. 5:23). Desde o princípio o homem tem sido assaltado por uma trindade de males, que são: o mundo, a carne e o diabo. A carne mesma constitui-se uma trindade de inimigos. Há a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida (I João 2:16).

Esta trindade, que constituiu a tentação triplicada dos nossos primeiros pais no Éden, quando caíram e arruinaram a raça, foi a mesma que o último Adão — Cristo — enfrentou no deserto, quando venceu e remiu a raça. Também é a nossa tentação contínua. No Éden a mulher viu que:

1. «A árvore era boa para se comer» — concupiscência da carne.
2. «A árvore era agradável aos olhos» — concupiscência dos olhos.
3. «A árvore era desejável para dar entendimento» — soberba da vida (Gên. 3:6).

No deserto o tentador disse a Jesus:

1) «Dize a esta pedra que se transforme em pão» — concupiscência da carne.

2) «Mostrou-lhe os reinos do mundo» — concupiscência dos olhos.

3) «Lança-te... que te guardem» — soberba da vida» (Luc. 4:1-10).

No Éden houve derrota porque Adão e Eva duvidaram da palavra de Deus. Disse a serpente à mulher: «Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal... E a mulher tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido consigo, e ele comeu» (Gên. 3:4, 5, 6). No deserto Cristo triunfou porque confiou na palavra de Deus. A sua réplica foi sempre: «Está escrito.»

A Bíblia nos ensina que há três personalidades das quais se originam estes três princípios do mal e que são incorporados ao Diabo, a besta e o falso profeta (Apoc. 20:10), cuja destruição é predita. Contra esta trindade temos outra, da qual todo o bem vem. É o Pai, o Filho e o Espírito Santo (II Cor. 13:13).

As três pessoas da Santa Trindade, embora a Bíblia ao princípio nelas falasse, eram reveladas progressivamente em sua plenitude do homem. No Velho Testamento temos a revelação de Deus, o Pai. Isto remove a nossa incredulidade. Nos Evangelhos temos a revelação de Deus, o Filho, que tira o pecado do mundo. Nos Atos dos Apóstolos temos a revelação de Deus, o Espírito Santo. Isto amolece o coração. Nas epístolas temos a plena revelação da Santa Trindade em palavras conhecidas por todos os crentes: «A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com vós todos» (II Cor. 13:13). Isto consola a todos.

6

MANUSCRITOS

Fala-se em «manuscritos originais», quando, de fato, entre todas as sagradas escrituras não existe original algum, nem do Velho nem do Novo Testamento. Quando uns se tornaram velhos, foram copiados, e os originais enterrados ou queimados pelos próprios amigos da Palavra de Deus. Outros foram destruídos pelos inimigos durante as guerras e perseguições que o antigo povo de Deus sofria de tempos em tempos.

Mesmo quando o Novo Testamento foi escrito, parece que os documentos originais do Velho Testamento não existiam mais. Conseqüentemente, quando a Bíblia completa foi compilada pela primeira vez, consistiu em cópias hebraicas do Velho Testamento — junto com uma tradução grega conhecida por Septuaginta, que significa setenta, porque foi feita por setenta homens.

Na perda dos manuscritos originais, podemos ver a providência de Deus, porque, se fossem existentes hoje em dia documentos originais da letra de Moisés, Davi, Isaías, Daniel, Paulo ou João, o coração humano é tão suscetível à superstição, que seriam eles adorados, como foi a serpente de metal nos dias de Ezequias (II Reis 18:4), anulando assim o seu propósito.

A falta dos originais não nos deve assustar, porque há milhares de manuscritos gregos e hebraicos copiados dos originais, espalhados pelo mundo. Estes manuscritos datam desde a primeira metade do segundo século, data dos papiros mais antigos, e do quarto século para os unciais, escritos em letra maiúscula sobre pergaminho (pele de cabrito especialmente preparada). Quando as primeiras Bíblias foram impressas havia mais de 2.000 destes manuscritos. Hoje, existem muitos milhares. Este número é suficiente para estabelecer a genuinidade e a autenticidade da Bíblia.

A existência dum livro antigo pode ser provada por muitas maneiras fora do original. Por exemplo, as referências a ele, as suas citações, as paráfrases, as narrações dele, os catálogos em que o livro esteja mencionado, as suas traduções e versões; os argumentos contra o seu ensino e as cópias existentes provam que tal livro existia. Podemos verificar a idade dum manuscrito: 1) pela forma da letra em que está escrito; 2) pela maneira que as letras estão ligadas umas com as outras; e 3) pela simplicidade ou ornamentação das letras iniciais. Há ainda outro método, chamado Criticismo Textual, que procura estabelecer a idade de genuidade dos manuscritos em relação às versões e às obras dos anciãos das igrejas cristãs durante os primeiros séculos, pois estes citaram muitos textos das Escrituras.

Os mais antigos manuscritos gregos são escritos em letras maiúsculas e quadradas, e todas as palavras em cada linha estão ligadas para poupar espaço. Achamos um exemplo desta ligação de palavras no versículo 11, do capítulo 53 de Isaías, na edição Almeida de 1913 e 1916:

«Porqueassuasiniqüidadeslevarásobresi.»

Às vezes, quando o copiador julgou que na linha não cabiam todas as letras grandes, começou a diminuí-las assim: PORQUEDeusAmou. Estes manuscritos são chamados Unciais.

Os três mais velhos destes, pela providência de Deus, se acham ao cuidado de três ramos do cristianismo: o grego, o romano e o protestante. Um, o Sinaítico (conhecido como o Códex Alfa), está na biblioteca em Leningrado, como possessão da Igreja Católica Grega, Outro, o Vaticano (conhecido como o Códex B), pertence à Igreja Católica Romana, e se acha atualmente na biblioteca do Vaticano, em Roma. O outro, o Alexandrino (conhecido como o Códex A), está no Museu Britânico, em Londres. A história destes manuscritos é muito interessante.

O Manuscrito Vaticano

Está escrito na língua grega e data do século IV. É o mais antigo

conhecido no mundo. Por mais de 1.500 anos este manuscrito tem estado no mundo e é uma prova inegável de que, se a nossa Bíblia fosse uma invenção humana, teria sido falsificada antes do século IV, quando este manuscrito foi produzido. E uma obra de 4 volumes, com 700 páginas, e está escrita em três colunas na página, e contém quase a Bíblia inteira. Os livros são arranjados na seguinte ordem: Gênesis a II Crônicas; Esdras I e II; Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares de Salomão, Jó, Sabedoria, Siraque, Ester, Judite, Tobias; os doze profetas: Isaías, Jeremias, Baruque, Lamentações, Epístola de Jeremias, Ezequiel, Daniel; os Evangelhos; Atos, Epístolas Católicas, Romanos I e II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses e Hebreus.

Dos livros da Bíblia que agora temos, faltaram a este manuscrito os de I e II Timóteo, Tito, Filemom e o Apocalipse. O cristianismo estava privado do conhecimento da forma da letra deste manuscrito até que o Papa Pio IX mandou tirar alguns fac-símiles.

O Manuscrito Sinaítico

Está em forma dum livro e cada página contém quatro colunas, exceto os livros poéticos do Velho Testamento, os quais têm somente duas. Não podemos deixar de contar por extenso a história do seu descobrimento. O Dr. Tischendorf, sábio alemão, muito famoso pela sua devoção à procura e ao estudo de manuscritos antigos da Bíblia, visitou o Convento de Santa Catarina, perto do monte Sinai, em 1844, quando descobriu este valioso documento. Todos que amam a Bíblia são devedores a ele por este grande descobrimento.

No corredor do convento estava uma cesta cheia de folhas de pergaminho, prontas para serem atiradas ao fogo, e ele foi informado de que mais duas cestas já tinham sido queimadas. Ao examinar o conteúdo da cesta ficou surpreendido em encontrar folhas de pergaminho do Velho Testamento em grego, as mais velhas que ele tinha visto. Não pôde ocultar a sua alegria e foi-lhe permitido levar umas 43 folhas, mais ou menos. Ainda que as folhas fossem destinadas ao fogo, a sua alegria levantou suspeitas nos frades, e eles julgaram que, talvez, os manuscritos fossem

mui valiosos e não consentiram que levasse mais. O Dr. Tischendorf depositou a porção das folhas na biblioteca real, em Leipzig, e deu-lhe o nome de «Códex Frederico Augustus», em reconhecimento do patrocínio do rei da Saxônia.

No ano de 1859 voltou mais uma vez ao convento, mas desta vez com uma comissão do imperador da Rússia. A sua visita estava a concluir-se sem resultado, quando, na véspera da sua partida, passeando na chácara com o despenseiro do convento, este o convidou a tomar uma refeição na sua cela. Enquanto estavam conversando, o frade puxou um embrulho enrolado em pano vermelho, que continha não somente alguns fragmentos vistos na primeira visita, mas ainda outras partes do Velho Testamento e o Novo Testamento completo, junto com alguns outros escritos.

Mais tarde, por influência do imperador, o manuscrito foi obtido do convento e levado à biblioteca imperial em Leningrado, e tornou-se o mais precioso tesouro da Igreja Grega.

O Manuscrito Alexandrino

Assim foi chamado porque fez parte da biblioteca em Alexandria. Foi também escrito em grego e data do século IV. É composto de quatro volumes e tem duas colunas em cada página. Foi ofertado por Cyrilo Lucar, patriarca de Constantinopla, ao rei Charles I da Inglaterra em 1628. E acha-se atualmente no Museu Britânico, em Londres. Contém a Bíblia inteira, exceto os seguintes trechos: Gênesis 14:14 a 17; 15:1 a 5, 16 a 19; 16:6 a 9; I Reis 12:18 a 14:9; Salmos 49:20 a 70:11; Mateus 1:1 a 25:6; João 6:50 a 8:52; II Coríntios 4:13 a 12:7.

O Códex de Efraim

Há mais um manuscrito de importância que merece menção. É o do século V, e é conhecido como o Códex de Efraim. Está na biblioteca de Paris. É descrito como o «códex rescripto», porque tem evidências de ter sido escrito duas vezes, uma por cima da outra. O escrito original foi apagado para receber uma tradução grega ou algumas palavras de Efraim, o Sírio. No ano de 1453 passou para D. Catarina de Médicis, e por sua

morte ficou como propriedade da Biblioteca Real Francesa. Naquele tempo o seu valor não era conhecido. Em 1734, o manuscrito foi submetido, com bom êxito, a um tratamento químico para intensificar as letras antigas. Este manuscrito contém porções do Velho Testamento e fragmentos de cada livro do Novo Testamento. (1)[1]

[1] Nota da editora:
(1) Veja a discussão deste assunto no livro *A Bíblia para o Mundo de Hoje*, W. A. Criswell, JUERP, 1968, pp. 132, 133, 139-149. Veja também o excelente livro O Novo Testamento, Cânon-Lingua-Texto, B. P. Bittencourt, JUERP/ASTE, 1984.

7

AS TRADUÇÕES DA BÍBLIA

Quando falamos em manuscritos, referimo-nos às cópias nas línguas originais e em traduções, às cópias nas línguas vernáculas em que a Bíblia é traduzida. As traduções são necessárias, por três razões: 1) Nem todos os povos falam a mesma língua; 2) as línguas estão sempre se modificando; 3) a Palavra de Deus tem estado espalhada em muitos países, de modo que, para melhor propaganda, é necessário tê-la na língua própria do povo. Entretanto, compete-nos lembrar que as traduções não são inspiradas por Deus; porém servem como um testemunho da existência e autenticidade dos originais. Se não pudermos ter as palavras exatas pelas traduções, ao menos teremos o sentido sem conflito qualquer de doutrina.

Estamos agora mais interessados nas versões em português, mas será necessário estudarmos os diversos períodos por que a Bíblia tem passado antes de chegar a ser conhecida na bela língua lusitana.

A LXX

A mais antiga versão que existe é a *septuaginta*. Esta é uma tradução livre, desviando-se, em muitos lugares, da original hebraica. Foi feita em 285 antes de Cristo, provavelmente para os judeus que foram espalhados por todas as nações, uns 160 anos depois da volta de Neemias do cativeiro. Há muitas lendas acerca desta tradução: todavia, podemos dizer que foi a obra de setenta redatores em Alexandria. Sendo em grego, provavelmente, existia nos tempos de Jesus Cristo, mas não há evidência alguma de que ele ou os seus discípulos a usassem. Pelo contrário, é mais provável que Jesus falasse aramaico, salvo quando falou à mulher siro-fenícia (Mar. 7:26) em grego, a fim de que ela o compreendesse. As palavras, nos Evangelhos, que vêm a nós sem serem traduzidas são aramaicas: «Talita Cumi» (Mar. 5:41); «Eloí, Eloí, lamá-sabactani» (Mar. 15:34). A Septuaginta tornou--se a base de muitas traduções.

As outras traduções na língua grega que merecem menção são as seguintes: A versão de Áquila, um homem natural de Sinope, em Pontus, que se converteu do paganismo ao judaísmo.

No século II ele procurou fazer uma tradução literal do texto hebraico. A versão de Teodotion, de Éfeso. Ele reviu a Septuaginta; e a versão de Symmachus de Samaria.

Tendo mencionado o manuscrito de Efraim no capítulo anterior, não podemos deixar de mencionar uma versão Siríaca, chamada o Peshito, que foi completa no século II, provavelmente antes de 150. Foi preparada para provas do seu uso entre os seus patrícios.

No segundo século, o latim suplantou o grego e ficou sendo por muitos anos a língua diplomática da Europa. Ao longo da costa setentrional da África organizaram-se umas igrejas compostas de pessoas de língua latina. Para essas, foi preparada uma versão latina. A sua história e origem são desconhecidas. O Velho Testamento foi vertido da Septuaginta, e ao Novo Testamento faltavam os seguintes livros: Hebreus, Tiago e II Pedro. Tertuliano e os seus contemporâneos usaram-na livremente. Esta tradução foi a base da Vulgata, a qual se tornou a Bíblia autorizada da Igreja Católica Romana.

Notar-se-á, pela comparação destas versões antigas, que existiam todos os livros do Novo Testamento, menos o de II Pedro, no século II.

A *Vulgata*

No ano 383, São Jerônimo era um dos mais sábios do seu tempo, sendo secretário de Damasus, Bispo de Roma; este o convidou para corrigir e melhorar a Bíblia latina, então em uso nas igrejas do leste. Aquele sábio completou a revisão do Novo Testamento. Depois da morte de Damasus, Jerônimo mudou-se para Belém, onde fundou um mosteiro. Aí, no 80° ano de sua vida, começou uma nova tradução do Velho Testamento, do hebraico para o latim. Esta é conhecida como a Vulgata, incluindo a apócrifa, e ficou sendo a base de todas as traduções por mais de 1.000 anos. No Concilio de Trento (1545-1547) foi proclamada autêntica, e um anátema foi pronunciado sobre qualquer pessoa que

afirmasse que qualquer livro que nela se achava não fosse totalmente inspirado em toda parte. Concordando com a decisão do Concilio em ter uma edição autorizada e uniforme, Sixtus V publicou um texto em 1590. Porém os seguintes livros apócrifos foram omitidos: 3º a 4º Esdras; 3º Macabeus e a oração de Manassés, e estava tão corrompida por erros tipográficos e outros, que Clemente VII sentiu a necessidade de retirá-la da circulação e publicar uma edição melhor em 1592. Esta tem sido a Bíblia seguida pelos católicos romanos em todas as suas traduções. A Bíblia Douai e o Novo Testamento publicado em Reims foram traduzidos da Vulgata.

A Renascença

Depois de longos anos de eclipse intelectual, o mundo experimentou uma renascença que se estendeu por toda parte na Europa. Os estreitos limites geográficos desapareceram pelo descobrimento de novas terras, e este contato repentino com novos povos, novas crenças e novas raças revivificou a inteligência sonolenta. Quando a cidade de Constantinopla caiu nas mãos dos turcos em 1453, os gregos eruditos fugiram para as bandas da Itália, levando as suas ciências e letras.

Escolas foram estabelecidas, e o povo italiano interessou-se mais nos manuscritos do Oriente do que na sua própria arte de estatuária. Com a vinda da língua grega para a Europa, um despertamento verdadeiro apoderou-se dos centros educacionais, e estudantes de toda parte procuraram os mestres da língua antiga. E, antes do fim do século XV, pelo desenvolvimento da imprensa, todos os autores latinos tornavam-se acessíveis e todas as obras gregas foram publicadas antes de 1520. Conseqüentemente, novas visitas intelectuais se apresentaram e o mundo experimentou verdadeiramente um novo nascimento.

Durante mil anos a Vulgata teve a aceitação universal na Igreja, e a Teologia tornou-se tradicional; porém esta nova época forneceu a chave para dar origem aos Evangelhos e o Novo Testamento. A teologia mística da Idade Média foi suplantada pela nova ênfase dada à pessoa de Cristo como se encontra nos Evangelhos. O Novo testamento em grego, pelo erudito Erasmo, em 1516, desafiou as tradições e pôs de parte a Vulgata.

Erasmo tinha um desejo ardente de deixar a Bíblia clara e inteligível a todos. Disse ele: «Quero que mesmo a mulher mais fraca leia os Evangelhos e as epístolas de Paulo. Queria-os traduzidos em todas as línguas, para que fossem lidos e compreendidos por todos, mesmo pelos sarracenos e turcos. Porém o primeiro passo necessário é fazê-los inteligíveis ao leitor. Eu almejo o dia quando o lavrador recite para si mesmo porções das Escrituras enquanto vai acompanhando o arado, quando o tecelão as balbucie ao ritmo da sua lançadeira e o viajante repare o cansaço da sua viagem com os seus contos.» Esta era uma profecia verdadeira, a qual está sendo cumprida em nossos dias.

Nesta época foi publicado um livro (*)[2] em que o autor previu que no futuro a religião verdadeira teria o seu centro na própria família, assim como o grande princípio de tolerância religiosa, e também que essa religião fosse divulgada por polêmica e apologética, e não por violência nem insulto às religiões alheias.

Com o novo impulso intelectual, a tradução da Bíblia na língua vernácula tomou novo aspecto. Os sábios e os iletrados, os ricos e os pobres, os reis e os plebeus, os eclesiásticos e os leigos, todos ajudaram neste glorioso trabalho. Outro tanto pode ser dito do impedimento que todas essas classes impuseram a esta obra de fama. Não podemos, nestes estudos limitados, tratar minuciosamente de todas as importantes traduções, ainda que gostaríamos de apresentar vários fatos históricos concernentes a algumas delas que têm influenciado no desenvolvimento do cristianismo. Lembrar-nos-emos que a nossa incumbência é a Bíblia na bela língua portuguesa. Entretanto, não podemos passar sem mencionar apenas algumas traduções notáveis.

Devido às perseguições que obrigaram os reformadores a fugir dum país para outro, é dificílimo acertar em que parte do continente a renascença teve a maior influência. Em toda parte rompeu a Reforma, e o Novo Testamento de Erasmo serviu como base de muitas traduções. Na

---

2 (*) *Utopia*, por Sir Thomas More.

Inglaterra, Guilherme Tyndale começou a dar a Bíblia ao povo na sua própria língua.

Sendo severamente perseguido, foi obrigado a fugir para Colônia, onde tudo estava caminhando bem, quando um padre odioso, procurando saber do seu trabalho, embriagou os impressoras e aprendeu o segredo da empresa. De Colônia, Tyndale foi a Worms, onde a Reforma de Lutero estava progredindo. Ali completou a sua tradução em 1526. Os exemplares foram enviados à Inglaterra secretamente em peças de fazenda, sacas de farinha de trigo, etc. Porém os inimigos da Palavra de Deus, junto com os católicos fervorosos, iniciaram uma campanha para acabar com esta tradução, e o bispo de Londres comprou todas as cópias que pôde achar e queimou-as em St. Paul's Cross, nessa cidade. Felizmente, ainda mais cópias emanaram pelo dinheiro das que o bispo comprou. Em outubro de 1536, Guilherme Tyndale foi traído, estrangulado e depois queimado na estaca pelos católicos romanos, que sempre se opuseram à leitura da Bíblia no vernáculo. Antes do último suspiro este grande reformador rogou: «Deus, abre os olhos do rei da Inglaterra.»

Aqueles que queimaram a Bíblia de Tyndale mal supunham que três anos depois o rei dissesse: «Em nome de Deus deixo a Bíblia ser espalhada entre o povo.» A nova tradução que ele fez circular foi conhecida como a Grande Bíblia, devido ao seu tamanho, e também como a Bíblia Encadeada, porque estava acorrentada aos bancos das igrejas, para maior segurança. Infelizmente, mais tarde o rei Henrique VIII proibiu a circulação das Escrituras; conseqüentemente a destruição de Bíblias pelos católicos era tremenda. As perseguições continuaram e alguns reformadores ingleses fugiram para Genebra, onde publicaram uma Bíblia, conhecida como a Bíblia de Genebra. Esta foi traduzida diretamente do grego e hebraico, e foi a primeira Bíblia inteira a ser dividida em versos e em que foram omitidos os Livros Apócrifos.

A história da Bíblia em inglês é de grande importância e interesse; porém não nos devemos desviar do nosso propósito de tratar do Livro dos Livros em português. Deixemo-nos, então, voltar para o assunto. Menciono essas traduções inglesas para mostrar que tinham influência na

Europa também.

8

A VERSÃO DE ALMEIDA

Até o último quarto do século XVI não havia versão alguma completa e impressa das Escrituras em português. A zelosa rainha D. Leonor, mulher de D. João II, tentou vulgarizar as Escrituras. Ela mandou traduzir e imprimir, em 1495, a expensas suas, a *Vida de Cristo,* que foi originalmente escrita na língua latina pelo Dr. Ludolfo, de Saxônia, e que continha muitas citações da Bíblia. Dez anos depois ela mandou publicar na língua lusitana os Atos dos Apóstolos e as epístolas universais de Tiago, Pedro, João e Judas. Esta nobre senhora faleceu em 1525, e por uma reação do clero essas obras desapareceram das bibliotecas. Uma segunda edição da *Vida de Cristo* foi publicada em 1554; porém esta teve a mesma sorte.

Nesta época, organizaram-se diversas companhias comerciais para o desenvolvimento das várias colônias dos países europeus. Entre estas, a Companhia Holandesa das índias Orientais, que se organizou em 1602, cuja carta patente exigiu que cuidasse em plantar a Igreja entre os povos e procurasse a sua conversão nas possessões tomadas aos portugueses nas índias Orientais. Foi esta companhia que mais tarde patrocinou a revisão do Novo Testamento de João Ferreira de Almeida, em 1693.

João Ferreira de Almeida nasceu em 1628 no local chamado Torre de Tavares, Portugal. Em 1642, encontrando-se na Indonésia, aceitou a fé da Igreja Reformada Holandesa pela profunda impressão que causou em seu espírito a leitura dum folheto espanhol. Desde o princípio da sua conversão, mostrou a sua aptidão para o estudo eclesiástico. Ignoram-se as circunstâncias que o fizeram transportar-se à Batávia, onde se tornou muito ativo e zeloso no trabalho da evangelização, pregando nas línguas portuguesa, espanhola, francesa e holandesa. Durante a sua longa vida pastoral escreveu e publicou várias obras de caráter religioso, entre as quais

sobressai a versão portuguesa da Bíblia. «Deixou completa a coleção de todos os livros do Novo Testamento, não logrando, porém, concluir a tradução do Velho Testamento, que só chegou até o livro de Ezequiel, capítulo 48, versículo 21.» Ele foi casado, e teve uma filha e ainda um filho chamado Mateus. Faleceu em Batávia no segundo semestre do ano de 1691.

Aos 16 anos Almeida iniciou sua obra de tradução do Novo Testamento, usando as versões italiana**,** francesa, espanhola e latina. Este trabalho perdeu-se. A tradução definitiva que foi publicada em 1681 foi feita diretamente do grego. Seguindo a versão holandesa como modelo, acrescentou os textos paralelos da Escritura na margem, e, no princípio de cada capítulo, pôs o sumário ou os artigos de que nele tratava.

Em 1681, começou a publicação da Bíblia de Almeida pelo Novo Testamento. A primeira edição foi feita em Amsterdam, por ordem da Companhia Holandesa das índias Orientais, para circular entre as igrejas evangélicas portuguesas, que esta companhia estabelecera nas suas feitorias asiáticas. Eis o título: *«Novo Testamento*, isto é, todos os sacrossantos livros e escritos evangélicos e apostólicos do Novo Concerto de nosso fiel Senhor, Salvador e Redentor Jesus Cristo, agora traduzidos em português pelo Padre (*)[3] João Ferreira de Almeida, pregador do Santo Evangelho. Com todas as licenças necessárias. Em Amsterdam, pela viúva J. V. Someren. Ano 1681.»

No reverso do frontispício vem esta declaração: «Este SS. Novo Testamento é imprimido por mandado e ordem da ilustre Companhia da índia Oriental das Unidas Províncias, e com o conhecimento da Reverenda Classe da cidade de Amsterdam, revisto pelos ministros pregadores do Santo Evangelho, Bartolomeus Heynen, Johannes de Vaught.» O trabalho tipográfico continha muitos erros e o próprio autor revoltou-se contra a incapacidade dos revisores.

---

3 (*) Os missionários holandeses de Tranquebar se intitularam a si próprios de *padres dominicanos*, mas não tinham ligação com a ordem dominicana católica. É bem provável que eles, sendo «pouco conhecedores do idioma, julgassem que o adjetivo *dominicano* era derivado de *Dominus*, e ingenuamente supusessem que se dizerem *ministros do Senhor* ou *Padres Dominicanos* era uma e a mesma coisa» *(A bíblia em Portugal*, G.L. Santos Ferreira, p. 42).

Esta edição sofreu uma revisão completa feita por Almeida e dois pastores holandeses, terminada em 1691. Dois anos depois do falecimento de Almeida, isto é, em 1693, esta edição veio a lume em Batávia às expensas da Companhia Holandesa das Índias Orientais. Eis aqui a cópia do seu título:

«O Novo Testamento — isto é, todos os livros do Novo Concerto do nosso fiel Senhor e Redentor Jesus Cristo — traduzido na língua portuguesa pelo reverendo Padre João Ferreira de Almeida, ministro pregador do Santo Evangelho nesta cidade de Batávia, em Java Maior. Em Batávia. Por João de Vries, impressor da ilustre Companhia, e desta nobre cidade. Ano 1693.»

No reverso do frontispício lê-se o seguinte: «Esta segunda impressão do SS. Novo Testamento, emendada, e, na margem, aumentada com os concordantes passos da Escritura Sagrada, à lua saiu por mandado e ordem do supremo governo da ilustre Companhia das índias das unidas Províncias na índia Oriental e foi revista com aprovação da reverenda Congregação Eclesiástica da cidade de Batávia, pelos ministros pregadores do Santo Evangelho na Igreja da mesma cidade, Theodorus Zas, Jacobus op den Akker.»

Estes revisores, sendo estrangeiros e incompetentes para rever a língua portuguesa, conseqüentemente fizeram consideráveis alterações, até mesmo desfigurando e corrompendo a beleza do original.

O Saltério de Almeida foi publicado no Livro da Oração Comum para o uso das congregações da Igreja Anglicana nas índias Orientais, em 1695.

Nesta época, o rei da Dinamarca, Frederico IV, interessou-se em desenvolver no Oriente o conhecimento das Escrituras Sagradas, e pelo seu patrocínio foi estabelecido o trabalho em Tranquebar, aonde foram muitos missionários célebres. Para este trabalho foi publicada, em Amsterdam, uma 3ª edição do Novo Testamento de Almeida, às expensas da Sociedade Propaganda do Conhecimento Cristão, em 1712. Os revisores são desconhecidos. Nesta edição desapareceram os sumários dos capítulos.

Esta sociedade de Londres, reconhecendo a inconveniência e a despesa de fazer imprimir a Palavra de Deus na Europa para o uso da propaganda na Ásia, resolveu estabelecer uma oficina tipográfica em Tranquebar, encarregando-se os missionários dinamarqueses da direção da mesma. Deus estava, certamente, cuidando da impressão da Bíblia portuguesa, porque no transporte do material houve uma evidência da sua intervenção. «O material da tipografia foi embarcado em um navio da Companhia Holandesa, para ser transportado ao seu destino. A saída do Rio de Janeiro, onde arribara, foi este navio apresado pela esquadra francesa, que se apoderou de todo o carregamento, voltando o navio ao poder da companhia armadora a troco de avultado resgate. Por circunstâncias absolutamente inexplicáveis e que muitos têm por miraculosas, os volumes que continham o material tipográfico foram encontrados intactos no fundo do porão, e no mesmo navio continuaram a viagem para Tranquebar.»

Com a chegada do material, alguns dos missionários se ocuparam na tradução da Bíblia e publicaram, periodicamente diversas partes das Escrituras.

Pela intervenção amigável de Theodoro van Cloon, um oficial holandês em Batávia, receberam eles os originais (Gên-Ez. 48:21) de Almeida em 1731. Quando o Sr. Cloon foi nomeado governador de Negapatão, interessou-se na obra da tradução pelos missionários dinamarqueses e prometeu mandar-lhes a versão de Almeida logo que chegasse à Batávia para ocupar o seu novo cargo, o que efetivamente fez no ano seguinte. Com os manuscritos, ele mandou a quantia de oitocentos escudos para ajudar nas despesas da impressão.

Ao ouvir que existiam os manuscritos de Almeida, apressaram-se em traduzir os profetas menores para que pudessem publicar a Bíblia completa; porém, ao receber os originais, repararam que a revisão do mesmo seria muito demorada, razão porque publicaram os Profetas Menores só em 1732. Saiu esta obra em Tranquebar, com este título: «Os doze profetas menores, convém saber: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Com

toda diligência traduzidos na língua portuguesa pelos padres missionários de Tranquebar, na oficina da Real Missão de Dinamarca. Ano de 1732.»

Foram publicados os demais livros do Velho Testamento na seguinte ordem: Os livros históricos — Josué a Ester — em 1738, revistos de acordo com o texto original pelos missionários holandeses de Tranquebar. Em 1740, saíram os Salmos, revistos e conferidos com os livros históricos de 1738. Quatro anos depois, foram publicados os livros dogmáticos — Jó a Cantares de Salomão. Em 1751, saíram os quatro profetas maiores — Isaías a Daniel. Os três primeiros, por Almeida, e o quarto, por Cristóvão Theodósio Walther.

Simultaneamente, em Batávia estava sendo publicado o Velho Testamento, traduzido por Almeida, até o final de Ezequiel, e por Jacobus op den Akker, que fez a tradução dos Profetas Menores. 0 primeiro tomo saiu do prelo em 1748 e o segundo em 1753. Assim a Bíblia em português estava completa. Estes dois volumes têm todas as páginas numeradas e, depois da do título, vem uma folha, dizendo: «Esta primeira impressão do Velho Testamento sai à luz às custas da ilustre Companhia Holandesa da Índia Oriental, por mandado do Ilmo. Sr. Gustavo Guilherme, Barão d'Imhoff, Governador-Geral, e dos Nobilíssimos Srs. Conselheiros da Índia...»

Deste trabalho escreve o Dr. Teófilo Braga: «É esta tradução o maior e mais importante documento para se estudar o estado da língua portuguesa no século XVII: o Padre João Ferreira de Almeida, pregador do evangelho em Batávia, pela sua longa residência no estrangeiro, escapou incólume à retórica dos seiscentistas; a sua origem popular e a sua comunicação com o povo levaram-no a empregar formas vulgares, que nenhum escritor cultista do seu tempo ousaria escrever. Muitas vezes o esquecimento das palavras usuais portuguesas leva-o a recordar-se de termos equivalentes, e é esta uma das causas da riqueza do seu vocabulário. Além disto, a tradução completa da Bíblia presta-se a um severo estudo comparativo com as traduções do século XIV e com a tradução do Padre Figueiredo do século XVIII. É um magnífico

monumento literário.» (*)[4]

Para o fim do século XVIII, e o princípio do **XIX,** a coroa britânica incorporou Tranquebar aos seus domínios, e o idioma português foi gradualmente abandonado como a língua comercial, e conseqüentemente banido do uso das igrejas reformadas. Porém a divina providência estava preparando outro meio para a evangelização das terras do velho Portugal e a conservação da Bíblia portuguesa. Portugal, até então mergulhado nas densas trevas da superstição romana, experimentou uma renascença. Isto veio por uma série de acontecimentos. Pela opressão política, umas pessoas refugiaram-se em Plymouth e em outras cidades da Inglaterra, o território nacional foi ocupado por tropas inglesas e o exército lusitano organizado segundo o gênio disciplinador "inglês, as relações comerciais e políticas foram estreitadas com a Grã-Bretanha, e propagou-se rapidamente por todo o reino o sentimento de tolerância religiosa. Isso, com as facilidades de comunicação com as ilhas e colônias portuguesas, induziu a Sociedade Bíblica Britânica a publicar uma edição do Novo Testamento em português da versão de João Ferreira de Almeida em 1809. Desde então esta sociedade tem publicado muitas edições, e, sob a mão de Deus, tem sido usada maravilhosamente para a disseminação da Bíblia em português.

Em 1819 a Bíblia completa de João Ferreira de Almeida foi publicada em um só volume pela primeira vez, com este título: *«A Bíblia Sagrada,* contendo o Novo e o Velho Testamentos, traduzida em português pelo Padre João Ferreira de Almeida, ministro pregador do Santo Evangelho em Batávia — Londres, na oficina de R. e A. Taylor, 1819 — 8º gr. de IV — 884 pp., a que se segue, com rosto e numeração o Novo Testamento, contendo IV — 279 páginas.» Desde essa data tem sofrido várias revisões. A primeira, em 1840, foi chamada de *Revista e Emendada.* Em 1847 foi novamente revisada, e chamada de *Revista* e *Reformada.* A revisão de 1875 foi chamada de *Revista e Conecta.* Depois, sofreu a correção de vários «erros óbvios» e algumas modificações ortográficas e

---

4 (*) *Mon. da História da LU. Portuguesa,* Cap. 16, pp. 350 e 351.

recebeu o nome de *Revista e Corrida*, que é essencialmente a Bíblia de uso popular ainda. Esta última revisão data de 1898.

A Bíblia por João Ferreira de Almeida que atualmente temos, não é realmente dele, por causa das diversas correções e versões por que tem passado; entretanto, o texto original era dele e as modificações foram feitas devido às exigências da língua, e à luz dos textos originais, e, sendo o primeiro a dar ao protestantismo português as sagradas letras, é digno de ser reconhecido como o autor da Bíblia que tem o seu nome.

9

A VERSÃO DE FIGUEIREDO

Durante o tempo do Papa Benedito XIV, por um decreto da Cong. do Index, de 13 de julho de 1757, a Bíblia foi reconhecida como útil para robustecer a fé dos crentes pelas cerebrinas anotações. Esta nova atitude da Igreja Católica Romana deu um impulso à tradução da Bíblia, tomando-se a Vulgata como base. Entre os redatores mais fervorosos estava Antônio Pereira de Figueiredo, nascido em Tomar, perto de Lisboa, em 1725, que se tornou um padre secular, e morreu num convento em Lisboa, em 1797, onde tinha estado por doze anos.

Afamado como latinista, historiador e, sobretudo, como teólogo com idéias liberais, ele estava habilitado para a tarefa da tradução. A sua versão da Bíblia foi feita da Vulgata, com referência aos textos gregos originais. Por dezoito anos ele se ocupou com esta obra, a qual foi submetida a duas revisões cuidadosas antes de ser publicada. A primeira edição saiu em 1781 pelo Novo Testamento, em seis volumes, de cerca de 400 páginas, com este título: «O *Novo Testamento de Jesus Cristo*, traduzido em português segundo a Vulgata, com várias anotações históricas, dogmáticas e morais, e apontadas as diferenças mais notáveis do original grego. Por Antônio Pereira de Figueiredo, deputado ordinário da Real Mesa Censória.»

Em 1782, foi publicada a tradução do Saltério, com uma nota assinada pelo tradutor, que se acha no fim do segundo volume, dando a data em que ele começou a obra, nestas palavras: «Comecei a tradução do Saltério a 22 de outubro de 1779 e acabei-a a 12 de janeiro de 1780. Seja Deus bendito para sempre.»

O Velho Testamento de Figueiredo foi publicado em dezessete tomos seguidamente desde 1783 a 1790, com o seguinte título: *«Testamento Velho,* traduzido em português, segundo a Vulgata latina,

ilustrado de prefações, notas e lições variantes. Por Antônio Pereira de Figueiredo, deputado ordinário da Real Mesa Censória.

«Contém, este Velho Testamento, além dos livros canônicos, geralmente recebidos, todos os livros apócrifos, de que foi esta a primeira impressão regular em língua portuguesa. Cada livro é precedido de uma prefação, em que o talento e a erudição do autor se manifestam a cada passo.»

A edição de sete volumes, completada em 1819, é considerada o padrão das versões de Figueiredo e inclui uma prefação importante. 0 primeiro volume traz o retrato de D. João, príncipe do Brasil, que se tornou D. João VI, rei de Portugal em 1799. Eis o seu título:

«A *Bíblia Sagrada,* traduzida em português segundo a Vulgata latina. Ilustrada com prefações, notas, lições variantes. Dedicada ao príncipe Nosso Senhor, por Antônio Pereira Figueiredo, deputado da Real Mesa da Comissão Geral sobre o exame e censura dos livros. Edição nova, pelo texto latino que se ajuntou e pelos muitos lugares que vão retocados na tradução e notas.»

A Bíblia de Figueiredo em um só volume foi publicada pela primeira vez em 1821, com o seguinte título:

«A Santa Bíblia, contendo o Velho e o Novo Testamentos. Traduzidos em português pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo — Londres: impresso na oficina de B. Bensley, em Bolt-Coult, Fleet-Street. 1821.»

Há duas coisas notáveis na edição de 1828, que foi preparada por Bagster, o grande editor inglês de Bíblias, a saber: ela não contém os Livros Apócrifos e foi aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II, com a consulta do patriarca arcebispo eleito de Lisboa. Em 1840, uma cópia desta Bíblia foi oferecida ao governador de Terceira, uma ilha dos Açores, pelo vice-cônsul britânico, em nome da Sociedade Bíblica Britânica, junto com um pedido para uma licença de distribuir cópias similares a esta entre os pobres. Este pedido foi transmitido ao governo central em Lisboa. Conseqüentemente uma ordem real foi obtida para os oficiais da Alfândega do porto de Angra do Heroísmo, para deixar entrar, livre de

impostos, a remessa das Bíblias, e que, antes de distribuí-las, um exemplar fosse enviado a Lisboa para um exame oficial. Conforme esta ordem, uma cópia da Bíblia foi remetida a Lisboa em 1842, a qual foi submetida ao patriarca arcebispo eleito de Lisboa, Francisco de S. Luiz (mais tarde Cardeal Saraiva), que deu um parecer favorável sobre o livro, com o resultado que em outubro do mesmo ano uma ordem real foi enviada à Terceira, exprimindo a aprovação do livro pela rainha de Portugal, baseada sobre a sanção do patriarca e licenciando a distribuição gratuita, que se tornou efetiva antes do fim do mesmo ano com o auxílio dos oficiais e para a satisfação geral da população. A distribuição foi feita aos professores da instrução primária e secundária, uma para cada professor e duas para dois dos seus educandos dos mais pobres, e um apelo foi feito ao vice-cônsul britânico para que ele empregasse os seus esforços para que fosse entregue mais uma remessa de Bíblias. Devido a esta ordem real, a Sociedade Bíblica Britânica tem publicado, no frontispício da Bíblia de Figueiredo, desde 1890, estas palavras: «Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II, com a consulta do patriarca arcebispo eleito de Lisboa.» Esta frase se encontra nas edições atuais.

10

A EDIÇÃO BRASILEIRA

Em 1879, uma edição do Novo Testamento foi publicada pela Sociedade de Literatura Religiosa e Moral do Rio de Janeiro, que foi anunciada como «A Primeira Edição Brasileira». Porém foi a versão de Almeida revista pelos Srs.: Dr. José Manoel Garcia, lente do Colégio D. Pedro II; Rev. M. P. B. de Carvalhosa, ministro do evangelho em Campos, e Rev. A. L. Black-ford, ministro do evangelho no Rio de Janeiro e o primeiro agente da Sociedade Bíblica Americana no Brasil.

As Sociedades Bíblicas empenhadas na disseminação da Bíblia no Brasil reuniram-se, em 1902, para nomear uma comissão para traduzir os textos hebraico e grego em português. A comissão tradutora foi composta de três estrangeiros, missionários das diversas juntas operando no Brasil, e diversos brasileiros, os quais foram: Dr. W. C. Brown, da Igreja Episcopal; J.R. Smith, da Igreja Presbiteriana Americana (Igreja do Sul); J. M. Kyle, da Igreja Presbiteriana (Igreja do Norte); A. B. Trajano, Eduardo Carlos Pereira e Hipólito de Oliveira Campos. Estes foram auxiliados na sua tarefa por diversos pregadores e leigos das igrejas evangélicas e alguns educadores eminentes do Brasil.

Além do texto grego e de todas as versões portuguesas existentes, a comissão tinha ao seu dispor muitos comentários e obras críticas que contêm os mais novos e mais úteis resultados da investigação e estudo moderno do Novo Testamento. Em 1904, edições de tentativa dos dois primeiros Evangelhos foram publicadas e, depois de alguma crítica e revisão, o Evangelho Segundo Mateus saiu em 1905. Os Evangelhos e o livro dos Atos dos Apóstolos foram publicados em 1906, e o Novo Testamento completo, em 1910. A Bíblia inteira apareceu em 1917*[5].

---

[5] (*) Nota do DPG — A Bíblia da Edição Brasileira, considerada muito boa por vários eruditos, deixou de ser

As autoridades católicas romanas, incitadas pela obra das Sociedades Bíblicas, na publicação das Sagradas Escrituras no vernáculos na divulgação delas em toda parte do país, têm publicado diversas edições dos Evangelhos e do Novo Testamento. Porém não é mister tratá-las aqui.

reeditada, para dar lugar à edição de Almeida, mais popular e por isso mais aceita.

11

COMO A BÍBLIA CHEGOU AO BRASIL

É difícil narrar com veracidade a origem do uso da Bíblia no Brasil, por falta de pormenores. Pelos três primeiros séculos da história do Brasil a Bíblia era proibida e negligenciada. Ela não estava na lista dos livros autorizados pela coroa de Portugal a circularem no Brasil durante os dias coloniais. Só no meado do século XIX a leitura dela foi permitida.

O célebre Villegaignon, depois duma experiência dolorosa, resolveu dedicar-se mais ao estudo da Palavra de Deus, e convidou a Igreja Reformada na França a enviar ministros do evangelho para evangelizar a sua colônia. Porém desta resolução não houve bons resultados, e, certamente, ela não fez parte do início da disseminação da Bíblia no Brasil.

Entre os colonos holandeses em Recife havia dirigentes de classes religiosas, e estes, de quando em quando, dirigiam preleções sobre a Palavra de Deus. Em uma das reuniões tomou-se esta resolução: «Fica entendido que se deve requisitar 20 grandes Bíblias para a introdução da nova tradução para o uso de cada um.» Não podemos dizer se os pregadores conseguiram traduzir qualquer parte em português.

Somos obrigados a examinar a história das Sociedades Bíblicas Britânica e Americana para a nossa informação. Antes de 1836, estas duas Sociedades despacharam exemplares das Escrituras aos negociantes estrangeiros residentes na costa oriental do Brasil, para distribuição. Num livro velho há uma citação duma carta do Rio de Janeiro, de 23 de dezembro de 1837, do Rev. Justin Spauding, na qual diz que já distribuiu todas as Bíblias e Novos Testamentos enviados e que tem a certeza de que a Sociedade Bíblica Americana remeterá mais. No mesmo livro se refere às cartas escritas pelo Rev. Dr. D. P. Kidder, do Rio de Janeiro, em 13 e 29 de janeiro de 1838, em que relatou as vendas das Bíblias em português e latim.

Em 9 de março de 1838, a Sociedade Bíblica Americana mandou 75 Bíblias e 25 Novos Testamentos à Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Metodista Episcopal, para o uso dos seus missionários no Brasil. Naquele tempo isto era um presente liberal, e os livros foram espalhados logo.

O Estado de São Paulo, em 1839, patrocinou a propaganda bíblica. O Rev. Dr. Kidder, pela sua influência e dedicação, ganhou a cooperação de algumas autoridades daquela província, e o Sr. Antônio Carlos, relator da Comissão da Instrução Pública, apresentou à Assembléia Provincial uma proposta para que fosse aceita uma oferta de Bíblias, dizendo: «Eu me proponho garantir da parte da Sociedade Bíblica Americana a doação de exemplares do Novo Testamento em português pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo em número suficiente para fornecer a cada escola primária na província uma biblioteca de uma dúzia, sob a simples condição de que esses exemplares sejam recebidos como entregues à Alfândega do Rio de Janeiro, a fim de serem distribuídos entre as ditas escolas e usados pelas mesmas como livros de leitura geral e instrução, para os alunos das mesmas escolas.» Esta oferta foi recebida com satisfação, e é bem patente que nos primeiros dias da propagação da Bíblia ela teve boa aceitação.

As Sociedades Bíblicas continuaram a mandar remessas das Escrituras para diversas pessoas no Brasil, até que se estabeleceram elas mesmas no país. Freqüentemente se encontram Bíblias nas cidades à beira-mar e nas do interior mais longínquo, que foram distribuídas antes que estas Sociedades fossem estabelecidas em território brasileiro. Os primeiros missionários protestantes chegaram ao Brasil em 1855, e no ano seguinte a Sociedade Britânica estabeleceu a sua agência no Rio. Em 1876 fundou-se a Sociedade Americana também no Rio. Só na eternidade se revelará o benefício que estas sociedades têm trazido ao Brasil.

12

A SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL

Este nome, *Sociedade Bíblica do Brasil*, é relativamente novo, mas significa muita coisa, como explicaremos. Em 10 de junho de 1948 foi fundada a *Sociedade Bíblica do Brasil.* Antes houve Sociedades Bíblicas Unidas que representavam duas Sociedades já existentes, que se fundiram numa só: *Sociedade Bíblica Britânica* e *Estrangeira* e *Sociedade Bíblica Americana.*

O trabalho que as Sociedades faziam era muito importante; mas eram Sociedades estrangeiras — inglesa e americana. Sociedades que se esforçavam para divulgar a Bíblia, sem, contudo, certas disposições para que a nossa nacionalidade, por si mesma, pudesse facilitar, com respeito aos propósitos e limitações, a obra divulgadora da Bíblia. Ninguém se esqueça, todavia, do grande trabalho iniciado no Brasil e nele continuado por essas Sociedades, até que, no dia 10 de junho de 1948, se criou a Sociedade Bíblica do Brasil e aquelas desapareceram. Instituição, cujo campo de trabalho era o Brasil todo, é certo, que suas responsabilidades eram grandes, definidas e urgentes.

Nomeou-se, pois, sua primeira diretoria, sendo presidente o Rev. Bispo César Dacorso Filho, que permaneceu até 1957, quase dez anos, com exemplar diligência, de vivas lições e proveito, sendo eleito presidente de honra. De 1957 até hoje está na presidência o Rev. Benjamin Moraes. Substituiu o Rev. Bispo César, e vem sendo reeleito, graças ao seu merecimento e vivo empenho pela Sociedade Bíblica do Brasil.

Além do presidente, indispensável na diretoria de tão importante instituição, nomeou-se o Secretário-Executivo, Rev. Egmont Machado Krischke. Atribuições especiais, por sua natureza e responsabilidades, o Secretário-Executivo tinha encargos definidos e inadiáveis. Estava ele em auspicioso começo de apenas um ano e meio, quando, eleito bispo de sua

igreja, teve de deixar o cargo. Mas a Causa não sofre. Sem detença, providencialmente, é eleito (1950) o Rev. Ewaldo Alves, que assume a posição de Secretário-Geral da Sociedade Bíblica do Brasil e nela permanece.

Nesta breve referência damos nota de quando e como apareceu a Sociedade Bíblica do Brasil, sua presidência e secretaria-geral. Mas a Sociedade é do Brasil, e o Brasil é consideravelmente grande. Para que a Sociedade o sirva e lhe atenda aos razoáveis reclamos, organizou logo suas secretarias regionais, seis, cada uma servida por seu Secretário-regional, respectivamente: no Rio-RJ, em São Paulo (Capital), no Recife-PE, em Porto Alegre-RS, em Belém-PA e na Capital Federal, Brasília-DF.

A Sociedade Bíblica do Brasil tem seu Estatuto; é declarada de Utilidade Pública (Dec. 57.171 de 4 de novembro de 1965); tem por lema *Dar a Bíblia à Pátria;* publica, desde sua fundação, a revista *A Bíblia no Brasil*, seu órgão oficial; adota colportagem, mediante centenas de obreiros; tem seu Departamento Feminino Auxiliar; apresenta programas regionais de rádio e mantém Boletins regionais de informações.

Tudo isto, com seus funcionários e coopera-dores outros de todas as igrejas evangélicas, para que traduza, revise, edite e divulgue a Bíblia, o livro por excelência do ensino revelado de Deus para o homem.

1971 Ewaldo Alves

13

A SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL E SUA EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA

Felizmente, as edições da Bíblia se sucedem. A princípio, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira; a seguir, a Americana; mais adiante, as duas já fundidas; e, afinal, criada a Sociedade Bíblica do Brasil (10-6-1948), apenas esta... todas, porém, se mantiveram, cada uma em seu prazo, para editar e divulgar a Bíblia em português.

Era considerável a publicação da Bíblia na tradução de João Ferreira de Almeida, ao mesmo tempo que se editava na do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Em 1917, deu-se pronta no Brasil a tradução chamada Brasileira. Preciosa, fiel aos originais e nossa, do Brasil, como lhe chamavam, teve grande apreciação dos mais conhecedores, que lhe sentiam o mérito da fidelidade à fonte: hebraico e grego. Mas a generalidade dos leitores teve suas reservas, quase embaraço, por motivo da transliteração dos nomes próprios no Antigo Testamento, desfigurando--lhes dificultosamente, assim, a grafia como a pronúncia. Em vez de dizer facilmente Nabucodonosor, dizia Nebuchadnezzar; em vez de Sin-sai, escrevia Shimshai; em vez de Afarsaquitas registrava Apharsathchitas: em lugar de Sesbazar, Shesbazzar; e assim todos, centenas deles. Em todo o Antigo Testamento, os nomes próprios, procurando figurar o hebraico, desfiguravam, realmente, o português. Leitura particular tinha seus reclamos; leitura pública, seus tropeços; leitura, voz audível, reciprocamente, seus desencontros e tartamudez.

Em vista, pois, de a Versão Figueiredo, vinda do latim, com linguagem clássica, menos fiel aos originais, e a Tradução Brasileira, fiel ao texto hebraico e ao grego, mas tanto quanto estranha com a grafia e prosódia dos nomes próprios do Antigo Testamento, tornarem-se difíceis

para a generalidade dos leitores, vingou preferência a Tradução de João Ferreira de Almeida.

Esta, muito apreciada no Brasil, bom vernáculo, menos clássica que a de Figueiredo, era já a de maior uso entre nós. Mesmo assim, para que satisfizesse, a um tempo, aos estudiosos da tradução e aos leitores na sua generalidade, estava merecendo certa atualização da linguagem. A tradução antiga de Almeida, em suas sucessivas edições, desde o começo, teve na linguagem suas mudanças, para, sem perder a fidelidade, facilitar mais compreensivamente a mensagem. E isto, é fácil de se entender, teria de continuar, pelas mesmas razões. A última atualização da linguagem foi a da Sociedade Bíblica do Brasil, que veio a nomear-se por Edição Revista e Atualizada no Brasil e perdura ainda. Dizemos *ainda*, porque, com o passar dos anos, as palavras mudam de sentido, mas a verdade bíblica não pode mudar. Ora, se muitas palavras, com o tempo, mudam de sentido, é necessário, por vezes, que na linguagem bíblica se mudem palavras para que a mensagem não mude de significação. Vem daqui o que, de longe em longe, se faz sob o título de revisão: rever e mudar a linguagem, para manter e não mudar a mensagem e seu sentido.

A Edição Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil teve por base a edição de João Ferreira de Almeida (1940). Foi esta que a *Comissão Revisora* estudou e repassou, com certo reajuste vocabular quanto aos originais e atualização da linguagem. Comissão composta de hebraístas e helenistas competentes, e de vernaculistas e seu relator, durante alguns anos processou a obra zelosamente, com vistas na realidade que se impunha: falar a linguagem de hoje, português mais nosso do Brasil, já mui diferente do de Portugal, e, por isso mesmo, esperado no livro por excelência — a Bíblia — de considerável divulgação em nosso país. O secretário da *Comissão Revisora* foi o Rev. Antônio de Campos Gonçalves, que, ao lado de seus nobres colegas, redigiu o texto de toda a Bíblia; foi ele o seu relator: grande tarefa que realizou, do começo ao fim, responsavelmente, com fidelidade e gosto.

A Bíblia hoje, da *Edição Revista e Atualizada no Brasil*, da Sociedade Bíblica do Brasil, é de geral aceitação. Seu Novo Testamento mereceu

recomendação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (1968), e vem sendo largamente divulgado.

1971 Ewaldo Alves

14

A IMPRENSA BÍBLICA BRASILEIRA

O dia 2 de julho de 1940 marca a data histórica na vida evangélica brasileira, pois neste dia reuniram-se seis dedicados obreiros batistas para iniciar a obra da Imprensa Bíblica Brasileira.

Esta reunião foi resultado de uma decisão tomada pela Missão Batista do Sul do Brasil em sua assembléia anual no mês de junho de 1940**,** quando votou recomendar a criação de uma entidade que teria como finalidade imprimir e distribuir a Bíblia no Brasil.

Já havia muitos anos, obreiros evangélicos vinham sentindo falta de Bíblias, e a procura estava sendo maior do que os estoques enviados para o Brasil. Em 1930 o Dr. H. C. Tucker, da Sociedade Bíblica Americana, declarou que poderia ter distribuído quatro vezes o número de Bíblias vendidas naquele ano, se tivesse estoques suficientes. Ele estava muito interessado em conseguir a impressão das Escrituras no Brasil.

Já por aquela ocasião havia um esforço unido neste sentido. A Casa Publicadora Batista se ofereceu para imprimir as Bíblias, se pudesse receber da América as chapas já preparadas. Receberia o pagamento da mão de obra em Bíblias. Porém não houve resultado positivo, e os anos se passaram, com a necessidade sempre crescente.

A guerra no Oriente já envolvia recursos britânicos, o que vinha prejudicar o fornecimento da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, e o resultado foi que na assembléia anual da Missão Batista do Sul, em junho de 1940, houve pleno apoio à idéia da criação de uma nova entidade que imprimiria a Bíblia no Brasil.

Naquela primeira reunião da Imprensa Bíblica foram tomadas três decisões: iniciar imediatamente a impressão da Bíblia na tradução de Almeida, com a ortografia oficial; iniciar os planos para o preparo de uma nova tradução da Bíblia e nomear comissões para trabalharem tanto no Velho quanto no Novo Testamento; e prosseguir com o preparo do estatuto oficial.

Em 2 de junho de 1942, o presidente, T. B. Stover, informou à Imprensa que os quatro Evangelhos já estavam compostos e prontos para serem impressos; os livros de Atos e as duas cartas aos Tessalonicenses estavam prontos para revisão pela comissão de redação. O anteprojeto do estatuto foi examinado. O Dr. Stover também informou que o grupo havia recebido ofertas no total de US$ 5.946,42 para iniciar a obra.

Em 14 de julho de 1942 os estatutos receberam a sua aprovação final, e logo foram registrados. Ali a Imprensa Bíblica Brasileira tomou personalidade jurídica e veio a existir formal e oficialmente.

25 de junho de 1943 foi o dia do início da impressão da Bíblia no Brasil. A Segunda Guerra Mundial já estava envolvendo a vida de muitas nações. Alguns navios com carregamentos de Bíblias para o Brasil foram a pique, e já se estava tornando séria a falta de Bíblias no país. Alguns já tinham conseguido a impressão do Novo Testamento no Brasil, mas a Bíblia ainda não tinha sido produzida aqui.

Em 1944 a impressão termina. Logo são encadernadas Bíblias pelos preços de dez cruzeiros (cruzeiros velhos em substituição ao mil réis) para a Bíblia popular e cinqüenta cruzeiros (US$ 2,50) para a Bíblia encadernada a couro. Devido à guerra, era impossível importar papel para esta primeira edição, assim foi impresso em papel brasileiro fornecido pela Fábrica Piraí, que tinha a capacidade técnica de produzir este papel para Bíblias por ser fornecedora de papel para cigarros.

Aparece, então, na Bahia o mercado negro de Bíblias. A procura era tão grande que a Bíblia de Cr$ 50,00 estava sendo vendida por Cr$ 80,00 e até Cr$ 100,001

Enquanto as Bíblias da primeira impressão estavam sendo distribuídas, a segunda edição já estava em processo de execução. E assim se sucediam, edição após edição.

Tão grande foi o impulso dado com a impressão de Bíblias que a Casa Publicadora Batista foi obrigada a comprar mais um prelo grande. Também foi necessário construir mais um pavimento no seu prédio, para acomodar a seção de encadernação.

Em 1948 já não havia mais espaço para se expandir. Deus apontou a direção a tomar através de J. J. Cowsert, secretário da Imprensa Bíblica e pastor da Igreja Batista em Tomás Coelho, e o resultado foi a compra, em 1948, do terreno ocupado agora pela oficina gráfica da Junta de Educação Religiosa e

Publicações da Convenção Batista Brasileira, antiga Casa Publicadora Batista.

Um novo prédio para a oficina foi terminado em 1949, novas máquinas instaladas, e a obra começou a expandir-se. Na providência de Deus, muito se deve a um ilustre crente presbiteriano, turista da outra América. Depois de visitar o Brasil, depois de ver tantas oportunidades para a proclamação do evangelho, escreveu ao seu amigo particular, presidente da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, insistindo em que aquela Junta apoiasse condignamente o trabalho que estava sendo feito, qual seja, a impressão da Palavra de Deus no Brasil. Logo chegaram ofertas para a compra do terreno, para a construção da oficina e para a aquisição de algumas máquinas.

Edições várias se sucederam, dentro das possibilidades financeiras da Casa Publicadora. Algumas ofertas vieram dos irmãos batistas dos Estados Unidos para ajudar na impressão. Porém a grande maioria das Bíblias era vendida abaixo do seu custo, e é óbvio que somente se pode garantir a continuidade da impressão se o dinheiro que voltar for suficiente para imprimir e distribuir a Bíblia novamente.

A política financeira da Imprensa Bíblica tem sido a da autonomia, isto é, preços de venda que permitam a reposição de estoques. A expansão da obra depende de ofertas do «Dia da Bíblia» e de outros irmãos e amigos.

Até o fim de 1977 a Imprensa Bíblica completou 35 impressões diferentes da Bíblia na tradução da antiga de Almeida, num total de 2.573.504, fora os Novos Testamentos e alguns milhões de Evangelhos.

0 ano de 1971 marcou época na história da Imprensa Bíblica, pois a Junta de Educação Religiosa e Publicações recebeu nesse ano outra doação vultosa, que possibilitou a renovação da oficina gráfica. O alvo imediato da Imprensa Bíblica é elevar as tiragens da Bíblia até 1.000.000 por ano. O desenvolvimento do país, o aumento da população, justificam um esforço redobrado no sentido de imprimir até 100.000.000 de Bíblias e de distribuí-las às multidões que ainda não conhecem a Cristo.

Edgard F. Hallock

15

A TRADUÇÃO REVISADA DA IMPRENSA BÍBLICA BRASILEIRA

Na primeira reunião da Imprensa Bíblica Brasileira, em 2 de julho de 1940, a primeira decisão tomada foi de iniciar imediatamente a impressão da Bíblia no Brasil. A segunda decisão foi a de iniciar a revisão do texto da tradução de Almeida. Comissões foram nomeadas para iniciar os trabalhos e foi eleito presidente da comissão revisora o Dr. S. L. Watson, diretor do Colégio e Seminário Batista do Rio de Janeiro, em 1917-18 e 1935-36; diretor do Seminário Teológico Batista do Recife, em 1941; diretor da Casa Publicadora Batista várias vezes e professor e autoridade na língua hebraica. 0 Pastor Manoel Avelino de Souza, o Dr. W. E. Allen, professor de Grego no Seminário Batista do Sul do Brasil, o Dr. A. R. Crabtree, professor de Hebraico, e outros fizeram parte dessas comissões.

Já havia muitos anos, sentia-se a necessidade de uma revisão na tradução de Almeida. As modificações naturais do sentido de certas palavras através de muitos anos, e, especialmente, o progresso nos estudos do texto grego exigiam modificações no texto antigo, que tanto havia servido ao povo do idioma português.

0 primeiro resultado do trabalho da comissão apareceu em *A Harmonia dos Evangelhos, de* Watson e Allen, sendo impresso em 1942, com o texto revisado. Um trabalho desta natureza, que implica em tanta responsabilidade, não pode ser feito com pressa. E, assim, os anos passaram, com a comissão continuando suas pesquisas, seus estudos, e a revisão prosseguindo com firmeza.

A comissão usou os melhores textos gregos, pois têm havido milhares de manuscritos descobertos e grande progresso no estudo crítico

textual desde os dias de Erasmo. Pois a velha tradução de Almeida, na parte do Novo Testamento, foi feita do *Textus Receptus, Novo Testamento Grego,* compilado por Erasmo e publicado em 1516, baseado em manuscritos gregos eivados de modificações, acréscimos e omissões, dependendo da capacidade e do zelo dos copistas daqueles dias.

A tendência de muitos copistas era sempre «melhorar» ou «revisar» o texto, como muitas «comissões de redação» revisam o texto de estatutos de nossas organizações hoje em dia. O resultado do zelo destes copistas geralmente foi acrescentar ao texto original uma palavra ou uma expressão, quando o copista achava por bem harmonizar os textos ou às vezes, e isto raramente, omitir.

Podemos citar vários exemplos deste tipo de modificação. Temos o acréscimo à oração de Jesus em Mateus 6:13. Esta frase não estava na Bíblia de S. Jerônimo, baseado em texto grego mais antigo, e conseqüentemente não está na Bíblia católica.

Em Colossenses 1:14, um copista acrescentou a expressão «pelo seu sangue», copiada da passagem paralela em Efésios 1:7.

Em Mateus 1:25 o escriba acrescentou «o primogênito», copiado de Lucas 2:7, onde realmente está.

Em Colossenses 1:2 «... e da do Senhor Jesus Cristo», copiado de I Tessalonicenses 1:1.

Em Mateus 19:16, 17 temos a referência do mancebo de qualidade, que chamou Jesus de «Mestre». O copista, no entanto, querendo fazer o texto conforme o Evangelho de Marcos (10:17, 18), acrescentou o adjetivo «bom».

Em Lucas 11:2-4 a oração dominical é mais curta que em Mateus 6:9-13. Portanto, o copista, querendo harmonizar o texto, acrescentou a última frase «mas livra-nos do mal».

Apresentamos também mais uma ilustração, que, para a revisão em português, é uma das mais interessantes, por causa da repercussão da omissão no texto certo. Trata-se de Apocalipse 22:14. João escreveu em Apocalipse 7:14 que aqueles que vieram da tribulação lavaram as suas vestes «e as branquearam no sangue do Cordeiro». Um monge, copiando a

Vulgata no Latim, reparou que em Apocalipse 22:14 havia uma expressão semelhante. Querendo esclarecer melhor, acrescentou ao texto latino a expressão «no sangue do Cordeiro». Aparece pela primeira vez no Códex de Armachanus, no ano 812. Copiado daí, foi introduzido na Vulgata aprovada mais tarde pelo Papa Sixto V, no ano 1590, e também nas edições oficiais de Clementine de 1592-1598. Em 1888 foi nomeada uma comissão especial em Portugal com a finalidade de fazer uma revisão da versão chamada *Revista e Conecta.* Recebeu instruções de aproveitar o melhor da versão de Figueiredo, versão essa traduzida da Vulgata, e que levava a frase «no sangue do Cordeiro.» A comissão inseriu a frase na tradução de Almeida, e desde o final do século XIX, aparece na Versão Revista e Corrigida, nome da versão dado naquela ocasião. Portanto, este como alguns outros versículos trazem acréscimos colocados por copistas zelosos muitos séculos antes.

Esta expressão não aparece em nenhum texto grego, nem nas margens aparece como possível variante, e não aparece em nenhuma tradução baseada nas línguas originais feita nos últimos anos.

Outro princípio básico da revisão da Imprensa Bíblica Brasileira é o de modificar o mínimo possível a tradução antiga. Modificações foram introduzidas somente quando necessárias. A grande comissão de Jesus em Mateus 28:18-20 serve de exemplo. A antiga Almeida diz: «Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo: ensinando-as a guardar...» A revisão diz com precisão, o que modifica realmente o sentido da expressão, «Portanto, ide, *fazei discípulos* de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os...»

Como resolver o problema das modificações textuais quando se deve omitir expressão tradicional? A Imprensa Bíblica concluiu pelo uso de colchetes para indicar aquelas palavras ou expressões, e anota ainda na margem o fato. 0 ideal será o texto limpo, sem colchetes, como está na Bíblia de Púlpito, publicada em 1968, e, naturalmente, chegará o dia quando isto será possível para todas as edições. Contudo, por enquanto há muitos crentes que não conhecem os problemas envolvidos numa revisão

das Escrituras e não entendem o significado da eliminação de um verso ou de palavras que representam um acréscimo ao texto. Eles recordam a advertência de João no Apocalipse 22:19, mas esquecem a advertência do versículo 18. Não podemos tirar qualquer palavra da Bíblia, mas não podemos acrescentar também. Precisamos confiar nos homens de Deus que têm estudado com tanta dedicação e tanto amor as questões do texto, para que tivéssemos a Palavra de Deus na sua pureza.

A Imprensa Bíblica Brasileira tinha pronta sua revisão do Novo Testamento em 1949, a qual apareceu em edição especial naquele ano. Essa edição mereceu a consulta de outros, como subsídio para ajudar no trabalho da «Edição Revista e Atualizada no Brasil» da Sociedade Bíblica do Brasil.

A revisão do Velho Testamento foi muito mais difícil e mais árdua. 0 texto hebraico era mais difícil, e há três vezes o volume em número de páginas. No entanto, o trabalho foi terminado em 1960, justamente na ocasião quando a Sociedade Bíblica do Brasil estava lançando a sua revisão. A Imprensa Bíblica achou que não ficaria muito bem aparecerem as duas revisões na mesma ocasião, e resolveu então aguardar alguns anos.

Já passaram vários anos desde o aparecimento daquela edição revista e atualizada, e a Imprensa Bíblica julgou oportuno lançar a sua revisão, fruto de 20 anos de trabalho dedicado e cuidadoso. Em 1968, foi publicada a revisão da Imprensa Bíblica Brasileira em forma de Bíblia de Púlpito. No princípio de 1972 apareceu a tradução de Almeida em revisão da Imprensa Bíblica no formato comum. Esperamos que venha ajudar a todos os crentes a compreenderem melhor a Palavra de Deus, a ser instrumento do Espírito Santo para a edificação dos santos e o crescimento do Reino de Deus na terra.

As linhas mestras que orientaram esta revisão foram: 1) fidelidade aos textos mais antigos existentes, por serem os mais próximos dos originais; 2) fidelidade, até onde possível, às expressões e linguagem do texto da primeira revisão de Almeida publicada no Brasil; 3) linguagem vernacular expressiva e escorreita, ainda que simples.

Edgard F. Hallock

CRÉDITO PARA O CURSO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ

O estudo poderá ser feito de duas formas:

1. *Por correspondência*

O aluno deverá ler o livro e responder às perguntas encontradas no final de cada capítulo. Enviar o trabalho à Divisão de Cursos e Bibliotecas da JUERP.

2. *Em classe*

a) Solicitar da Divisão de Cursos da JUERP a folha de matrícula, alistar os alunos interessados.

b) Recomendam-se dez períodos de 45 minutos. Todo aluno precisa ler o livro e prestar exame escrito ou oral, tirando nota mínima 7. O aluno que não tiver nenhuma falta e ler o livro poderá ser isento de exames.

O aluno ficará responsável pelas aulas a que faltar, tendo de submeter-se a um teste sobre a matéria ou responder por escrito às perguntas dos capítulos ensinados em sua ausência.

c) Encerrado o estudo, remeter a folha *de* matricula devidamente preenchida à JUERP — Divisão de Cursos e Bibliotecas — Caixa Postal 320 — ZC 00 — Rio de Janeiro — RJ.

TESTE DO LIVRO

Capítulo I

I. MARQUE COM UM «X» A RESPOSTA CORRETA.

Quem recebeu esta ordem de Deus: «Escreva isso para memorial num livro» ( ) Josué ( ) Abraão ( ) Moisés

II. ENUMERE AS COLUNAS COM O NÚMERO QUE CORRESPONDE À RESPOSTA CORRETA

1. O suave em Salmos ( ) Noé, Abraão e José

de Israel
2. O médico escritor ( ) Apocalipse
3. Revelação de Jesus ( ) Davi Cristo
4. Homens Santos a quem Deus falou ( ) Lucas

III. MARQUE COM UM «X» A RESPOSTA CORRETA

a) Quais são as duas testemunhas de Deus:

( ) A fé dos homens

( ) A submissão do homem

( ) A vontade do homem

( ) A consciência do homem

b) Quem foi escolhido para ser intermediário da revelação:

( ) um povo particular ( ) uma nação

( ) uma família;

e o pai escolhido por Deus foi:

( ) Jacó ( ) José ( ) Abraão.

c) «Deus fez de homens livros» antes de dar a palavra escrita

( ) Sim ( ) Não

d) Nós podemos traçar a história da transmissão verbal da Palavra de Deus desde o dia em que Deus falou a Adão até o tempo em que ordenou a Moisés que escrevesse um livro:

( ) Sim ( ) Não

IV. ENUMERE AS COLUNAS DA DIREITA COM OS NÚMEROS CORRESPONDENTES DA ESQUERDA

1. Adão transmitiu a	( ) Noé
2. Noé a	( )Jacó
3. Lameque	( )Moises
4. Abraão a	( )Coate
5. Coate a	( )Abraão
6. Jacó a	( )Anrão
7. Anrão a	( )Lameque

CAPITULO II

I. PREENCHA AS LACUNAS COM A RESPOSTA DEVIDA:

a)A Bíblia originalmente foi escrita em três idiomas:

_____,_____e _____.

b)A língua hebraica foi chamada «a língua de_____

c)A língua hebraica era a língua do povo de_____

_____e é chamada a língua _____e era a língua falada no tempo de _____ quando escreveu o Pentateuco.

d) As passagens que não foram escritas em hebraico foram:
Esdras *4:*____ a 6: _____ ; Esdras 7:_____
_____26; Jeremias 10:_____ e Daniel 2:4 a _____:28.

e) Os livros do Novo Testamento foram escritos originalmente na língua _____ , conhecida como helênica.

CAPÍTULO III

I. ENUMERE AS COLUNAS DA DIREITA COM OS NÚMEROS CORRESPONDENTES DA ESQUERDA.

1. Usada pela primeira vez por Crisóstomo no Século IV	( ) Concerto
2.Não se encontra como um título na Bíblia é derivado, do latim *testamentun*	( ) Bíblia
3. 0 significado da palavra testamento	( ) Testamento

II. MARQUE COM «X» OS NOMES TÉCNICOS INTERNOS DA BÍBLIA E COM «0» OS FIGURATIVOS:

( ) Uma luz ( ) As palavras da vida ( ) Um espelho ( ) Uma pia
( ) A Palavra de Deus ( ) As Sagradas Letras
( )uma porção de alimento ( ) A Escritura de Deus
( ) Ouro fino ( ) Um martelo ( ) A palavra de vida.

CAPÍTULO IV

I. PREENCHA AS COLUNAS COM AS DEVIDAS RESPOSTAS:

a) Aproximadamente _____autores atuaram na autoria da Bíblia. 0 trabalho de todos levou _____ anos. Moisés começou a escrever entre as _____do Sinai.

b) As duas origens da Palavra de Deus são: _____ ou _____ e _____ ou_____

c) A origem natural é a que tem a participação dos _____ e a divina _____«Toda Escritura é _____ inspirada.

a) A Bíblia é humano-divino ( ) Sim ( ) Não

b) Sendo humana, sujeita às leis da língua e literatura: ( ) Sim ( ) Não

c) Sendo divina, só pode ser compreendida por homens inspirados.

( ) Sim ( ) Não

d)Dos homens vem o estilo e matéria, e de Deus, a unidade de revelação e ensino.

( ) Sim ( ) Não

CAPÍTULO V

I. AFIRME «SIM» OU «NÃO»

a) Há um entrelaçamento inseparável entre o Velho e o Novo Testamento ( ) Sim ( ) Não

b) É verdade que no Novo Testamento há 1040 citações a respeito do Velho Testamento? ( ) Sim ( ) Não

c) O autor afirma que a Bíblia começou com Deus «No princípio

criou Deus» e termina com o homem «Todos vós» (Gên. 1:1 e Apoc. 22:21). ( ) Sim ( ) Não

d) 0 verso central da Bíblia afirma: «0 Senhor é o meu pastor nada me faltará» ( ) Sim ( ) Não

II. PREENCHA AS COLUNAS

a) Cristo é o _____ do Velho Testamento.

b) Cristo é o _____. , e Semente de Davi, a Semente de _____ e a Semente_____

c) As três festas principais da ordem levítica são: A festa dos _____ a festa da _____

e a festa de _____

CAPÍTULO VI

I. ENUMERE AS COLUNAS DA DIREITA COM OS NÚMEROS CORRESPONDENTES DA ESQUERDA — ONDE ESTÃO OS MANUSCRITOS?

1. Manuscrito Vaticano ( ) Leningrado-Igreja Católica Grega

2. "Alexandrino ( )Propriedade da Igreja Católica Romana

3. Sinaítico ou Códex ( ) Museu Britânico, em Londres

CAPITULO VII

I. AFIRME «SIM» OU «NÃO»

a) A mais antiga versão que nós possuímos das Sagradas Escrituras é a da Sociedade Britânica

( ) Sim ( ) Não

b) São Jerônimo, no seu mosteiro em Belém, fez a versão do Hebraico para o Latim, e que se chamou a Vulgata.

( ) Sim ( ) Não

CAPÍTULO VIII

I. PREENCHA AS LACUNAS COM A RESPOSTA DEVIDA:

a) No ano _____João Ferreira de Almeida começou a publicação da Bíblia pelo Novo Testamento.

b) A primeira edição foi feita na cidade de _____ por ordem da Companhia das índias Orientais. Recebeu tal edição o nome de _____.

c) Em _____ saiu uma segunda edição do Novo Testamento, revista pelos missionários da CIA, com o nome de _____.

d) A primeira edição completa do Velho Testamento, segundo a versão de João Ferreira de Almeida, saiu na cidade de _____, no período de _____, em dois volumes.

e) Em _____a Bíblia completa de João

Ferreira de Almeida foi publicada em um só volume pela primeira vez, com este título: «_____, contendo o Novo e o Velho Testamento, traduzida em português pelo Padre João Ferreira de Almeida, ministro pregador do Santo Evangelho na Batávia».

CAPÍTULO IX

PREENCHA AS LACUNAS COM A RESPOSTA DEVIDA:

A Bíblia de Figueiredo em um só volume foi publicada pela primeira vez em _____, com o seguinte título _____.

CAPÍTULO X

PREENCHA AS LACUNAS COM A RESPOSTA DEVIDA:

No ano ___ foi publicada pela Sociedade de Literatura Religiosa e Moral do Rio de Janeiro, a primeira edição do _____. A Bíblia completa apareceu no ano _____.

CAPÍTULO XI

I. PREENCHA AS LACUNAS COM A RESPOSTA DEVIDA:

A Bíblia era proibida e negligenciada no Brasil, só no meado do século _____ a leitura dela foi permitida.

II. AFIRME «SIM» OU «NÃO»

a) Os primeiros missionários protestantes chegaram ao Brasil em **1855.** ( ) Sim ( ) Não

b) Em **1876** se estabeleceu a Sociedade Britânica no Brasil.

( ) Sim ( ) Não

c) Em 1876 também se estabeleceu a Sociedade Americana

( ) Sim ( ) Não

CAPÍTULO XII

I. PREENCHA AS LACUNAS COM A RESPOSTA CORRETA:

Com a fusão da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e a Sociedade Bíblica Americana, surgiu a _____. Isto se deu no dia _____de _____ de _____.

CAPÍTULO XIII

RESPONDA «SIM» OU «NÃO»

a) A Edição Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil teve por base a edição de João Ferreira de Almeida (1940)

( ) Sim ( ) Não

b) 0 nome da edição da Sociedade Bíblica do Brasil, hoje é: Edição Revista e Atualizada no Brasil.

( ) Sim ( ) Não

CAPÍTULO XIV

PREENCHA AS LACUNAS COM DATAS CORRETAS:

a) Em_____ marcou-se a data histórica para os Evangelhos do Brasil — A Imprensa Bíblica Brasileira começou a obra de impressão da Bíblia.

b) No dia ____ de _____ de _____ , marcou-se o início da impressão da Bíblia no Brasil pela IMPRENSA BÍBLICA BRASILEIRA.

CAPÍTULO XV

PREENCHA AS LACUNAS COM AS RESPOSTAS DEVIDAS:

a) O presidente da 1ª comissão revisora da Bíblia foi o Dr. _____, e os membros da comissão foram_____ _____ e Dr._____.

b) O primeiro trabalho da comissão resultou no aparecimento do livro _____, de Watson e Allen, sendo impresso em 1942, com o texto revisado.

c) Em_____ apareceu a tradução de Almeida em revisão da Imprensa Bíblica Brasileira no formato comum.